

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE PSICOLOGIA E FONOAUDIOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

EUNICE CORRÊA SANCHES BELLOTI

**SENTIMENTO DE SOLIDÃO EM USUÁRIOS DA
INTERNET:
UM DELINEAMENTO CASO-CONTROLE**

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2.002

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

Eunice Corrêa Sanches Belloti

SENTIMENTO DE SOLIDÃO EM USUÁRIOS DA
INTERNET:

UM DELINEAMENTO CASO-CONTROLE

**Dissertação apresentada no curso de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da
Universidade Metodista de São Paulo -UMESP, como parte dos requisitos para
a obtenção do Título de Mestre em Psicologia da Saúde.**

Orientador: Prof. Dr. José Tolentino Rosa

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2.002

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE PSICOLOGIA E FONOAUDIOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE
PROGRAMA DE MESTRADO

SENTIMENTO DE SOLIDÃO EM USUÁRIOS DA
INTERNET:

UM DELINEAMENTO CASO-CONTROLE

BANCA EXAMINADORA:

Examinador 1: _____

Examinador 2: _____

Presidente: Prof. Dr. José Tolentino Rosa _____

Sumário de conteúdos

IV.1.1	Análise das Respostas Verdadeiras do Questionário de Valores Psicossociais .	61
IV.1.2	Análise das Respostas Verdadeiras do Questionário Sentimento de solidão ..	63
IV.2	Fórmula Binomial (Quantas pessoas terão que responder verdadeiro para ser considerada verdadeira a questão)	63
IV.2.1	Fórmula Binomial para o Grupo 1 - Não Fatec = 65 sujeitos	64
IV.2.2	Fórmula Binomial para o Grupo 2 - Fatec = 143 sujeitos	65
IV.2.3	Fórmula Binomial para o Grupo 3 - Técnico = 108 sujeitos	66
IV.3	Análise de discriminação de Itens	70
IV.4	Análise das Questões através Teste Qui-Quadrado	71
	Teste de Qui-Quadrado do Questionário de Valores Psicossociais	71
	Teste de Qui-Quadrado do Questionário Sentimento de Solidão	73
IV.5	Análise de Correlação de Postos	75
	X = Fatec - Questionário de Valores Psicossociais	75
	X = Fatec - Questionário Sentimento de Solidão	75
IV.6	Análise comparativa sobre o número de horas acessando a Internet	79
IV.6.1	Situação: Geral	79
IV.6.2	Situação: Trabalho	82
IV.6.3	Situação: Lazer	84
V.	Discussão	88
VI.	Considerações finais e conclusões	94
VII.	Referências Bibliográficas	97
VIII.	Glossário	105
IX.	Lista de Anexos	109
	Anexo 1 - Cópia da Home-page	110
	Anexo 2 - Critério ABIPEME	120
X.	Lista de Ilustrações	iv

Lista de Ilustrações

IX.1 Figuras

Figura 1 - Interface do Software Front Page Express	44
Figura 2 - Página de apresentação	45
Figura 3 - Página sobre Dados Pessoais e Sócio-Econômicos	46
Figura 4 - Página do Questionário de Valores Psicossociais	47
Figura 5 - Página com questões referentes ao tempo usado frente a Internet pelo participante da pesquisa	48

IX.2 Tabelas

Tabela nº 1 - Idade e Frequência nos 3 grupos	55
Tabela nº 2 - Idade média aproximada nos 3 grupos	56
Tabela nº 3 - Sexo nos 3 grupos	56
Tabela nº 4 - Estado Civil nos 3 grupos	57
Tabela nº 5 - Grau de Instrução para os 3 grupos	57
Tabela nº 6 - Profissões para os 3 grupos	58
Tabela nº 7 - Classe Social	59
Tabela nº 8 - Horas na Internet	60
Tabela nº 9 - Porcentagem de respostas verdadeiras por categoria	62
Tabela nº 10 - Questões escolhidas através da aplicação da Fórmula Binomial para o Questionário de Valores Psicossociais nos 3 grupos de sujeitos	67
Tabela nº 11 - Questões escolhidas através da aplicação da Fórmula Binomial para o Questionário Sentimento de Solidão nos 3 grupos de sujeitos	68
Tabela nº 12 - Valor de Discriminação de item para os 3 grupos (V/N → F) para o Questionário de Valores Psicossociais	70
Tabela nº 13 - Valor de Discriminação de item para os 3 grupos (V/N → F) para o Questionário Sentimento de Solidão	70
Tabela nº 14 - Teste de Qui-Quadrado do Questionário de Valores Psicossociais ..	71
Tabela nº 15 - Teste de Qui-Quadrado do Questionário Sentimento de Solidão	73
Tabela nº 16 - Correlação de postos das respostas ao Questionário de Valores Psicossociais entre os 3 grupos	75
Tabela nº 17 - Correlação de postos das respostas do Questionário Sentimento de Solidão	75

Tabela nº 18 - Questões verdadeiras - Questionário de Valores Psicossociais	76
Tabela nº 19 - Questões verdadeiras - Questionário Sentimento de solidão	76
Tabela nº 20 - Questões do Questionário de Valores Psicossociais, analisadas através da Fórmula Binomial, da Análise de itens e do teste Qui-Quadrado	77
Tabela nº 21 - Questões do Questionário Sentimento de Solidão, analisadas através da Fórmula Binomial, da Análise de itens e do teste Qui-Quadrado	78

A Deus que torna tudo possível

Agradecimientos

À minha mãe,

que me tem apoiado, com seu incentivo ao meu desenvolvimento profissional, dando retaguarda às minhas necessidades, toda a minha gratidão.

Ao Ruy André,

meu marido e companheiro, que compreendeu minhas ausências, dando amor, carinho e apoio, acompanhando, criticando e acreditando que concluiria este trabalho, todo o meu reconhecimento.

Ao André Henrique e a Laís Maria,

meus amados filhos, que me deram a oportunidade feliz e prazerosa de ser mãe, embora dividida com os vários momentos de estudos e viagens, vocês me proporcionaram os melhores momentos de minha vida, todo o meu amor.

Ao Matheus Augusto,

filho querido, que ficou tão pouco comigo, mas que me ensinou tanto, toda a minha saudade.

Ao papai,

pessoa de grande visão, que estaria muito feliz com minha conquista, todo o meu respeito.

Ter a oportunidade de expressar minha atenção a todas as pessoas que de forma direta ou indireta prestaram valiosas e inestimáveis colaborações para a realização deste

trabalho, que faz parte de mais uma etapa de evolução pessoal e profissional, é um ato de carinho e gratidão.

Gostaria de agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. José Tolentino Rosa, as sábias sugestões, a firmeza com que conduziu suas orientações a este trabalho, a maneira dedicada e compreensiva com que me auxiliou, encorajando-me, estando sempre a disposição, quer pessoal, quer virtualmente, fornecendo, incentivando e apoiando, demonstrando seu inesgotável interesse dirigido à Psicologia e à Ciência.

Ao Prof. Dr. Renato Teodoro Ramos, que, pelas suas intervenções, forneceu valiosas contribuições para que este trabalho fosse mais científico.

À Prof^a. Dra. Kayoko Yamamoto, que contribuiu, ricamente, para a melhora da qualidade deste trabalho.

À Prof^a. Dra. Eda Marconi Custódio, que forneceu sugestões para a realização dos primeiros passos deste trabalho.

Ao Prof. Paulo Henriques Chíxaro, por disponibilizar o site da Ourinhos Internet para hospedar a pesquisa.

À Prof^a. Dra. Olga Ceciliato Mattioli, minha professora de longos anos, exemplo de ética e profissionalismo, que participa da banca examinadora.

Aos demais professores da UMESP, que compartilharam seus conhecimentos, propagando o saber científico. Meu agradecimento especial a Prof^a. Marília Martins Vizzotto.

Ao prof. Dr. Antonio Carelli (in memória), que me orientou na criação dos questionários da pesquisa.

Ao professor e colega Sidney Carlos Ferrari, que me auxiliou no início do tratamento estatístico.

Ao professor e Mestre Émerson Wruck, cientista, verdadeiramente Estatístico, que ofereceu retaguarda às minhas dificuldades.

Ao professor e colega André Luiz Presende Trindade, que ofereceu valiosas contribuições para a criação da home-page.

À professora e colega Eliana Alves Fêo, que auxiliou na tradução do texto em francês.

Ao professor e Reverendo Eduardo Emerich, que fez a leitura do trabalho e a correção ortográfica, oferecendo excelentes contribuições para o mesmo.

Ao professor e empresário André Luís da Costa Zimmerman, que contribuiu na tradução do resumo em Inglês.

Ao professor Gustavo Cabrera, que colaborou na tradução do resumo em Espanhol

Ao empresário José Reinaldo S. Gobbo, que me forneceu assistência técnica na área da Informática.

À minha colega e amiga, professora e mestranda Elaine Pasqualine, que ouviu as minhas queixas, angústias e ansiedades, embora passando pela mesma situação que eu, sempre me acolhendo com carinho e estímulo.

À professora Maria Rita Smania, que, atenciosamente, disponibilizou alunos da E.T.E. Jacinto Ferreira de Sá para a pesquisa.

Aos meus colegas do G.E.P.O. (Grupo de Estudos de Psicanálise de Ourinhos), Cássia, Carmen, Silvana, Juliani, Ana e Guilherme, que me forneceram material bibliográfico, apoio e incentivo.

Às ex-alunas, hoje Tecnólogas em Processamento de Dados, Caroline Maria Montrezol, Josimara Aparecida Sackis e Michely de Lima Molini, que colaboram com a criação da home-page e à Andréia Cristina Munhoz Matsushita, Monalisa Mazetto de Souza e Patrícia Satie Yokoo, que colaboraram na digitação dos dados da pesquisa.

Aos meus alunos supervisionandos, com quem aprendi muito, como pessoa e profissional.

Aos meus pacientes, com quem tenho me enriquecido profundamente através da escuta, observação e atuação nessa maravilhosa profissão, que a Psicologia nos proporciona vivenciar.

Às minhas colegas do Curso de Mestrado, que me ofereceram apoio, incentivo e caronas até o metrô, Myrian Ângulo, Suely Ferreira Garcia e Ida

À Siméia, secretária do Curso de Pós-graduação em Psicologia da Saúde, sempre pronta a me atender tão atenciosamente.

À amizade da família Almeida Duarte, especialmente à caloura em psicologia Daniele que não se cansou de ouvir sobre as maravilhas da psicologia.

À minha sogra, que orou incessantemente a meu favor, à irmã Ivanilde, Naná, bem como aos irmãos da Igreja Presbiteriana de Ourinhos, que não me negaram atenção, carinho e apoio espiritual.

À Rosângela, que com atenção e carinho cuidou da minha casa e dos meus filhos para que pudesse me dedicar aos estudos.

A todos os sujeitos participantes da pesquisa, que, com suas colaborações, tornaram possível a realização deste trabalho.

Às pessoas que utilizam a Internet, essa Rede fantástica de informações e comunicação.

Sou grata a Deus, que me protegeu durante as viagens para São Paulo, que me deu vida, inteligência e capacidade para a realização desse trabalho e que continua dando-me esperanças para acreditar num mundo melhor, com mais amor e menos injustiça, onde meus filhos possam realizar-se pessoal e profissionalmente, como eu tenho-me realizado.

A todos, minha profunda gratidão.

“AGORA SEI QUE O SENHOR DÁ A VITÓRIA ...” - Salmos 20.6

Da solidão, dessa ninguém foge!

Crônica do Professor e Jornalista

Norival Vieira da Silva

“Você sentiu alguma vez o sentimento de solidão? Com certeza todos nós, sentimento consagrado na Filosofia de Jean Paul Sartre, o gênio da angústia.

Um dia rascunhei uns versos. Agora eu me recordo: Ouvi dizer, as cores não existem! Oh! Miséria... por que então vivemos a correr?

Mas, por que a angústia da solidão?

E todo esse emaranhado de desejos, sentimentos, medos, esperanças, ilusões, dizem, é porque não sabemos o momento exato da partida... do nosso encontro com o nada.

Se soubéssemos viveríamos sem medo, sem esperanças, saboreando uma realidade escolhida. Ou viveríamos um martírio. Então só nos resta a angústia de Sartre?

Não, devemos viver o dia-a-dia, o cada instante. Fazer como as crianças, seu mundo, suas esperanças são todas imediatas; seus desejos não vão além dos cinco minutos.

Uma pessoa muito querida sempre dizia, uma vida bem vivida é uma vida longa. Foi feliz? Só ele o sabe, e não mais pode nos contar.

Se não existe o longe, não é para lá que vamos; ficamos em nós mesmos com cada cinco minutos, sozinhos, mas sem solidão, porque ainda vivemos com o passado, e com cinco minutos futuros.

Mas, como dói a solidão, mas ainda a solidão no meio das pessoas, porque ela é só nossa. Mesmo que digam que não existe, vamos crer em algo, lá muito, muito longe... pertinho de nós. Só assim, podemos absorver a solidão, porque seríamos ingênuos ao dizer que ela não existe.”

Belloti. E.C.S. (2002). Sentimento de Solidão em Usuários da *Internet*: um delineamento caso-controle. Dissertação de Mestrado, Psicologia da Saúde, 121 f. São Bernardo do Campo: Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia, UME SP

Resumo

O presente trabalho investiga o Sentimento de solidão nos usuários da *Internet* e correlaciona esse conceito com valores psicossociais desses usuários, bem como estima qual é o tempo de uso da *Internet*. A coleta dos dados foi realizada através de uma página na *Internet* (Home-Page), cuja composição foi dividida em partes (Apresentação, seções A, B, C e D). Participaram da pesquisa três classes de sujeitos: grupo 1 Usuários de *Internet*, 65 sujeitos; grupo 2 alunos da Faculdade de Tecnologia (FATEC), 143 sujeitos e grupo 3 alunos da Escola Técnica Estadual (E.T.E.), 108 sujeitos; constituindo um total de 316 sujeitos. Os dois primeiros grupos responderam a Home-Page, acessando-a e respondendo as questões on-line; já o grupo 3 respondeu a pesquisa através do contato direto sujeito-pesquisador, em formulários impressos, nos quais foram excluídas as questões da seção C, pertinentes a horas passadas frente a *Internet*. Foi criado um glossário explicando os principais termos técnicos de informática; as explicações para os resultados do questionário foram derivadas do conceito psicanalítico kleiniano de sentimento de solidão e de outras vertentes psicanalíticas. A autora conclui que é importante estudar o comportamento de usuários de *Internet*, pois assim denunciam-se os preconceitos contra novas tecnologias e se compreendem melhor, e de maneira mais aprofundada, novas formas de interação com a tecnologia

Descritores: sentimento de solidão, *Internet*, informática, e psicanálise.

Belloti, E.C.S. (2002). The loneliness feeling on *Internet* users: an essay on control-case. Master's Dissertation, Health Psychology, 121 p. São Bernardo do Campo: College of Psychology and Fonoaudiology, UMESP.

Abstract

The present paper investigate the loneliness feeling on *Internet* users and relate this conception with the psycho-social values of these users, as well as the *Internet* using timing. The data collection was made through an *Internet* home page which was divided in sections (presentation, sections A, B, C and D). Took part of this research three groups of subjects: group 1 ordinary *Internet* users, 65 subjects; group 2 Technology college students (FATEC), 143 subjects and group 3 students from a technical state high-school (E.T.E.), 108 subjects. All together a total of 316 subjects. The first two groups attended the research answering an on-line questionnaire, and the third group answered a written questionnaire applied by the researcher, which excluded the questions from section C regarding to the amount of time spent on the *Internet*. A glossary was created to explain computer technical terms; the explanation for the questionnaire out come were extracted from the kleiniano psychoanalytic concept of loneliness and other psychoanalytic spilling. One could conclude that is important to study the behavior of the *Internet* users, because this way we can better understand the prejudice against new technologies as well as new means of interaction with the technology.

Key words: the loneliness feeling, *Internet*, computer technology and psychoanalysis.

Belloti. E.C.S. (2002). Sentimiento de Soledad en Usuarios de la *Internet*: un delineamiento caso-control. Disertación en curso Máster, en Psicología de la Salud, 121 p. São Bernardo do Campo: Facultad de Psicología y Fonoaudiología, UMESP.

Resumen

El presente trabajo investiga el Sentimiento de soledad en los usuarios de la *Internet* y correlaciona ese concepto con valores psicosociales de usuarios de la *Internet*, así como estima cual es el tiempo de uso de la *Internet*. Los datos fueron recogidos a través de una página en la *Internet* (Home-Page), cuya composición fue dividida en partes (Presentación, secciones A, B, C y D). Participaron de la investigación tres clases de sujetos: grupo 1 Usuarios de la *Internet*, 65 sujetos; grupo 2 alumnos de la Facultad de Tecnología (FATEC), 143 sujetos y grupo 3 alumnos de la Escuela Técnica Estatal (E.T.E.), 108 sujetos, constituyendo un total de 316 sujetos. Los dos primeros grupos respondieron a Home-Page, accediéndola y respondiendo las preguntas on-line; mientras que el grupo 3 respondió a la encuesta a través del contacto directo sujeto-investigador, en formularios impresos, en los cuales fueron excluidas las preguntas de la sección C, pertinentes a horas pasadas frente a *Internet*. Fue creado un glosario explicando los principales términos técnicos de informática; las explicaciones para los resultados del cuestionario fueron derivadas del concepto psicoanalítico kleiniano de sentimiento de soledad y de otras vertientes psicoanalíticas. Se concluye que es importante estudiar el comportamiento de usuarios de la *Internet*, pues así se denuncian preconceptos contra nuevas tecnologías y se comprenden mejor, y de manera más profunda, nuevas formas de interacción con la tecnología.

Descriptores: sentimiento de soledad, *Internet*, informática, y psicoanálisis.

“A solidão nasce do não-amor, o amor põe
fim a qualquer solidão”

P.E. Charbonneau

I - Introdução

A escolha do tema deste trabalho motivou-me em razão da vivência que tenho como professora de Psicologia das Relações Humanas em um Curso de Processamento de Dados, onde o referencial em ciências exatas norteia a formação dos alunos, e estes, no convívio das salas de aula, expressam suas angústias e ansiedades muitas vezes através do isolamento, pouca socialização e, inclusive, solidão, situações estas tão complementares que os levam a questionar o envolvimento com as tecnologias que englobam o mundo atual e a si próprios.

Essa vivência liga-se à relevância do tema, pois estou interessada em conhecer e estudar o comportamento de comunicação social contemporânea, assim como a influência que as novas tecnologias têm apresentado à Psicologia da Saúde. Com a crescente evolução tecnológica, as pessoas têm-se afastado do contato social, vivendo a solidão, e essa situação tem sido pouco caracterizada pela sociedade e por seus pesquisadores, o que me faz refletir de maneira especial e profunda ao observar esse contexto, principalmente quando envolve pessoas que utilizam a informática.

A informática hoje está presente na vida das pessoas. Não é surpresa para mais ninguém que o computador e a *Internet* fazem parte do cotidiano da maioria das pessoas, pois a informática tem sido aplicada ao ser humano, auxiliando na produção da capacidade mental, bem como no lazer. A própria *Internet* tem sido vista como um caos organizado ou um caos que funciona, que apresenta excesso de informações (Nicolaci-Costa, 1998).

As pessoas têm apresentado cada vez mais uma estreita ligação com seu computador, muitos usuários receiam interagir com a máquina pensando que estão interagindo com outro ser humano através de uma máquina. A autora citada acima dá o exemplo, em sua obra “*Na Malha da Rede - Os impactos íntimos da Internet*”, de uma pessoa de 40 anos de idade que sobreviveu a um infarto, e o médico orientou-o, quando

de seu retorno para casa, que ele poderia ligar a televisão, o vídeo, o aparelho de som, etc, mas estava proibido de ligar o computador. Os parentes ficaram surpresos e aplaudiram a sensibilidade do médico que protegeu o paciente, que gosta de máquinas, ao demonstrar que o computador é diferente de outras máquinas, pois o computador pode gerar emoções fortes e inadequadas para o recém-infartado. Isso mostra como se tem preconceito e dificuldade para entender o comportamento das pessoas frente à máquina.

Uma das queixas mais frequentes das famílias que possuem computador é a demasiada permanência de um de seus membros (principalmente o adolescente) na *rede*, dificultando o processo de interação e afastando as pessoas umas das outras. Em muitos casos as pessoas da própria família consideram o computador uma ameaça ao relacionamento familiar no sentido de entreter por demasia um membro de seu grupo, por longas horas, privando-o da participação no convívio doméstico.

Pesquisas mostram que a grande maioria dos usuários da *Internet* passa longas horas nos *chats* de bate-papo, considerando-se participantes da grande família da *Internet*. Porto (1999) ainda esclarece:

“(...) violência urbana pode moldar indivíduos acovardando-os diante do mundo e, a médio e longo prazo, pode gerar um afastamento social de indivíduos e uma conseqüente redução de trocas humanas que pode culminar em uma clausura dentro do próprio apartamento.” (p. 10)

Embora a produção cultural do século XX tenha descrito o homem como um ser eminentemente relacional, como na Filosofia, na Psicologia, nas artes e em outras áreas, verifica-se que quanto mais avança a tecnologia, maior deve ser a interação do ser humano com seu meio. Michel Mafesoli, citado por Porto (1999, p. 16) afirma:

“Acho uma maravilha a Internet. Agora me incomoda a solidão, a individualidade, aquela coisa de as pessoas não conversarem mais, a família acabou, deixar de ter amigos. Tem muita gente atrás de informação, e a Internet é muito pelo individualismo, para se livrar de situações, esse esvaziamento da relação.”

Assim, a solidão é um problema real, uma experiência única. É possível que uma pessoa nunca a tenha sentido da mesma maneira, por isso é difícil analisá-la. Dan Kiley (1991) em *“A Solidão da Vida em Comum”*, avaliou o sentimento de solidão sob várias perspectivas, tais como os relacionamentos da vida, a família, o trabalho, a comunidade e considerou muito amplas as emoções que envolvem o solitário.

Baseados nessas colocações preliminares, vemos que os usuários de informática, entre eles o da *Internet*, merece um estudo de seu comportamento e papel no mundo atual. Constitui o objetivo central deste trabalho investigar o Sentimento de solidão e correlacionar essa afirmativa com valores psicossociais desses usuários. Também pretende-se verificar qual é o tempo de uso da *Internet* e o Sentimento de solidão. Este trabalho pretende auxiliar aqueles que se interessam por estudar e conhecer o comportamento do usuário da *Internet*, de forma que possam observar como é vivenciada a solidão, e analisar as co-relações existentes que podem auxiliar homens e mulheres a lidarem melhor com os novos conceitos e comportamentos tecnológicos que a sociedade contemporânea tem buscado conhecer, bem como com as novas relações ser humano - tecnologia.

I.1 - Revisão de Literatura

Internet e Solidão na literatura psicológica

I.1.1 A Tecnologia e a Sociedade

Há alguns anos a Informática era algo tão complexo e distante das pessoas que poucos tinham acesso a essa tecnologia. A própria complexidade do uso da máquina, o impacto da informatização na sociedade e na subjetividade humana envolve questões que a Psicologia não é alheia, nem neutra; pois a evolução da tecnologia trouxe mudanças e transitoriedade ao ser humano, levando-o a distanciar-se das pessoas, quer no lar, quer nas organizações, e a isolar-se em função desse avanço.

No início do século XXI, cabe às ciências humanas, segundo Porto (1999) o papel de investigadora dos impactos que as mudanças tecnológicas provocam nos seres humanos e nas relações. A avaliação desses impactos na vida das pessoas só é possível a partir de dados interpretados sob o foco da reflexão de quem é esse ser humano, o que faz e como faz para sobreviver no seu mundo, a partir do momento que a tecnologia avança, tornando-se mais intensa a interação do homem com o meio.

Maiorino (2000) afirma que com o avanço da informatização, desde a década de 70 e com a chegada de novas tecnologias a tendência existente de culpabilizar essas tecnologias pelos inadequados e indesejáveis comportamentos dos seres humanos, como o aumento da pobreza, da fome, da violência, da exclusão social, do problema do trabalho infantil tem sido observada. Essas novas tecnologias não são apenas um superavanço técnico, elas configuram paradoxos, podendo oferecer situações boas como situações ruins.

A tecnologia tem-se incorporado à vida das pessoas. Através da *Internet* elas vivenciam relações sociáveis, descobrem um modo de interação intenso.

“Ali o rapaz tímido que nunca conseguiu namorar, consegue experimentar papéis que o fortalecem enquanto imagem, apresentando-se como um sedutor que escreve bem. Ele consegue poder vivenciar papéis que socialmente não consegue nessa experiência, ele tanto poderá potencializar essa relação doente, muitas vezes se distanciando mais da realidade, como também poderá adquirir uma outra percepção do mundo”. (Maiorino, 2000, p.17)

O desenvolvimento tecnológico observado nos últimos anos em âmbito mundial tem conduzido a sociedade a uma forma de civilização baseada na evolução tecnológica. Mudanças tecnológicas geram mudanças sociais e psicológicas.

Pesquisadores têm discutido a questão e constatado que o mundo está mudando, de uma maneira rápida e com grandes reflexos como evidenciam Furlan e Ivo (1992). Já Nicolaci - Costa, (1998) afirma:

“Essas mudanças, por sua vez, tiveram um enorme impacto sobre a vida pessoal de todos aqueles por elas atingidas. Ao se radicarem numa grande metrópole as pessoas perderam suas raízes, começaram a viver entre estranhos, a se sentir sozinhos e a apresentar problemas de ordens psicológicas antes desconhecidas”. p. 6.

Esclarecendo esse mesmo aspecto, Pinheiro e Tamayo (1987) enfatizam que a vida urbana tende a diminuir os contatos primários entre as pessoas, substituindo-os por contatos secundários, impessoais, provocando o isolamento delas. Assim a solidão é uma consequência do processo de urbanização. *“O freqüente e estreito contato físico, mantido da vida urbana, acentua a reserva entre indivíduos desagregados uns dos outros, o que origina a solidão”.* p. 55. Já no meio rural, os contatos primários são mantidos através do conhecimento mútuo entre os seus componentes, com a prática da

boa-vizinhança, da convivência, com os relacionamentos baseados em sentimentos, emoções e cooperações.

As mudanças que o mundo apresenta fazem deslocar valores enraizados há décadas, séculos, numa transformação do social para o tecnológico, envolvendo novos princípios para orientar as pessoas a viverem na civilização global. Esse deslocar de valores causa reflexos em toda a parte, nas cidades, nas empresas, nas famílias e nos seres humanos, levando paulatinamente a sociedade a voltar-se para a produção de valores informacionais (Youssef & Fernandez, 1988).

A partir do século XVIII, as transformações socio-econômicas que acontecem na sociedade ocidental, com o início da revolução industrial, trazem conseqüências para toda a sociedade onde, de acordo com Mattioli (1998), até o ponto essencial familiar é transformado. As grandes famílias patriarcais dão lugar à família nuclear, constituída por pai, mãe e filhos, promovendo, com a diminuição do número dos membros familiares, a intimidade entre eles, fortalecendo os laços afetivos. O fato de a família nuclear tornar-se primitiva, segundo a autora, separando-se do mundo profissional e social, leva o grupo familiar contemporâneo a isolar-se nos limites de seus lares, modificando inclusive o processo de socialização infantil.

No século XXI observa-se que o antigo e o novo se contrapõem de forma coordenada e conflitante, surgindo um cenário de início de século totalmente novo, quer na economia, quer nas ideologias e crenças, pois:

“não é fácil estudar o novo. E não é fácil porque o velho tende a atrapalhar principalmente quando já temos formas consolidadas de ver e interpretar o que nos cerca. O novo sempre requer um novo olhar e novos olhares geralmente geram insegurança naqueles que olham sem fazer uso de referência conhecida,

ao mesmo tempo em que provocam a ira daqueles que não querem abandonar a segurança desses referenciais” (Nicolaci - Costa, 1998, p. 7).

Quando se trata de algo novo, tende-se a encaixar o novo no velho, mas novas formas de ver o mundo e sua organização é tudo o que é possível fazer quando há mudanças, cujo desenrolar é complexo prever.

Naisbitt (1982) já revelava há quase vinte anos que:

“quanto mais alta tecnologia a nossa volta, mais precisamos do contato humano” p. 53.

A tecnologia e o potencial humano são os dois grandes desafios com que os seres humanos deparam hoje. Precisamos aprender a equilibrar as inovações tecnológicas com a sociedade contemporânea. A tecnologia tem aumentado as possibilidades das pessoas em todos os campos, mas Porto (1999, p. 16) questiona:

“O avanço nos meios de comunicação corresponde a uma melhora em seu campo relacional?”

Esse é um dos questionamentos que a sociedade procura compreender.

I.1.2 A *Internet*, o virtual, o ciberespaço, o computador e a comunicação

Dentre as novas formas de contato, a *Internet*, segundo Severino (1985) é a *rede* mundial de computadores interligados por todo o planeta tornando-se uma fonte indispensável de pesquisa para vários campos do conhecimento. Ela representa um acervo extraordinário de dados, à disposição dos interessados em milhares de informações, possibilitando o intercâmbio, mensagens e dados com rapidez estonteante, eliminando barreiras de tempo e espaço. Os meios de ligação dos computadores desta *rede* são variados: rádio, linhas telefônicas, linhas digitais, satélites, fibras-ópticas, etc.

Esta *rede* criada em 1969 pelo Departamento de Defesa dos E.U.A. como um projeto pioneiro de constituição de uma *rede* capaz de sobreviver a ataques nucleares, foi-se expandindo até chegar ao tamanho e importância que hoje tem, sendo uma *rede* gigantesca de âmbito mundial que *conecta* centenas de milhares de computadores, cada um podendo estar *conectado* com sua própria *rede* local. Esse é o motivo pelo qual a *Internet* é descrita como uma “*rede de redes*”.

“... a *Internet* desenvolveu a WWW (*World Wide Web*), *rede* mundial de computadores, que pode ser acessada através do protocolo H.T.T.P. (protocolo de transporte de hipertexto), que é uma técnica utilizada pelos servidores da *rede* mundial de computadores que passam informações para os Programas rastreadores (*browsers Web*)” (Severino, 1985, p. 134).

De acordo com Porto (1999), a *Internet* representa o espaço simbólico de maior convivência dos incluídos da tecnologia, daqueles que podem aproveitar-se do supérfluo. Ela é a ferramenta mais moderna, pois quem frequenta a *rede* deseja

inovações e rapidez. Ela saiu, nos últimos dez anos, de uma *interface* apenas textual, para um mundo cheio de imagens e potencialidades de interação.

Ferrari (1998, p. 244) esclarece:

“A Internet por si não é uma rede de computadores interligados, e cada uma delas administrada por um organismo governamental, uma empresa, ou entidade educacional. Há uma instituição central, a Internet Society, que exerce controle mínimo necessário para o funcionamento da rede. Essa entidade faz recomendações, operacionais e disciplinares para garantir um acesso amplo, ordenado e democrático dos usuários.”

Voltando-se para a sociedade atual, a *Internet* introduz uma cisão na área complexa dos relacionamentos humanos. Segundo Nicolaci - Costa (1998), essa cisão corresponde a cisão por ela instaurada entre o real e a *realidade virtual*. A realidade concreta envolve os relacionamentos reais do dia a dia, que geram muitas vezes desilusões, em que há contatos através dos olhos, com base nas aparências, convenções e restrições sociais e nem sempre bem sucedidos. A realidade “não real”, facilita os novos relacionamentos, que são chamados relacionamentos virtuais, em que as pessoas se conhecem em canais de bate-papo (*chats*) da *Internet*, não se vêem, ficam amigos, namoram, amam-se sem se tocarem, pois o que se valoriza é o que essas pessoas escrevem. São relacionamentos via teclados que envolvem o *virtual*.

O mundo *virtual* está diretamente ligado ao mundo real, esclarece Porto (1999), há muitas discussões sobre a relação entre o real e o *virtual*. Contudo o autor prediz que o homem vai se expressar cada vez mais pelo *virtual*.

A própria palavra *virtual*, diz Plusquellec (2000), refere-se àquilo que tem existência aparente, vem do latim: força, fictício, imaginário, que é nada real, em que a imagem *virtual* se caracteriza pela eficácia em produzir um efeito. O receio que o

virtual afete a saúde mental é bastante antigo. Desde 1805, Bentham já apresentava preocupações e comentava que embora fosse necessário e importante falar das entidades fictícias, devia-se falar das entidades reais. Com isso a noção de virtualidade progressivamente se impôs nas nossas referências sociais de modernidade, aparecendo a realidade *virtual* como uma ciência, uma tecnologia aplicada a uma investigação e favorecendo diversas formas de instruções tanto para guerras, como para a medicina, para a computação, a comunicação e as artes.

A *realidade virtual* abre espaço para um uso nos mais diversos campos, criando inclusive campos totalmente novos, levando ao uso humano de tecnologias, incluindo situações vivenciadas nos *ciberespaços* como modos de viver, pensar, trabalhar, aprender do mundo, se comunicar com os outros e até amar. Pode a *realidade virtual* transpor múltiplas fronteiras geográficas, culturais, econômicas, sociais, representando para o ser humano um avanço tecnológico impressionante, abrindo caminhos para indagações sobre os efeitos da virtualidade.

Sayeg (2000) explica que a *realidade virtual* pode pensar a natureza criativa da percepção humana e sua capacidade de unir os mundos material e mental, pois a tecnologia influencia os vários campos da sociedade, bem como os processos mentais e psíquicos. Nicolaci - Costa (1998, p. 299) concorda com Sayeg e afirma:

“já no mundo virtual, onde podemos ser anônimos e nos locomover de um lado para o outro, com facilidade e rapidez, em busca daqueles com quem podemos entrar em sintonia, tudo se torna muito mais fácil.”

Como já foi citado no texto anteriormente, as pessoas no mundo contemporâneo tem tido dificuldades em entender as mudanças que o desenvolvimento tecnológico tem trazido nos últimos anos e questionam qual seria a conexão entre Psicologia e a

Internet, pois os modos de pensar, relacionar, agir e sentir são passíveis de sofrer alterações sob o impacto dessa nova tecnologia.

A “*rede de redes*” estabelece na vida de seus usuários uma nova noção de tempo, de real, de durabilidade; o que se disse a pouco pode ficar ultrapassando em questões de dias, minutos, por isso a última palavra só tem efêmera durabilidade garantida se for divulgada na própria *rede*.

“A navegação e os diálogos pela Internet pressupõem uma sociedade recheada de passagens solitárias em seu próprio barco. Cada um de nós se sente um Amyr Klink em potencial, cheios de poder de decisão sobre nosso destinos, julgando-nos sem limites como o mar que nos cerca, mas no fundo, cercados e dependentes dos recursos de nossa pequena e frágil embarcação.” (Porto, 1999, p. 107).

Todo esse processo afeta atualmente milhões de pessoas que tem contato diário com o novo *espaço cibernético*, *navegam* com liberdade sem deixarem suas cadeiras, e ninguém duvida da existência desse espaço que está na imaginação de todos os *internautas*.

“O ciberespaço é um espaço onde as máquinas reinam soberanas, há máquinas que se comunicam com máquinas, homens que se comunicam com homens através das máquinas. Ou seja, no ciberespaço o homem não tem vida independente da máquina.” (Nicolaci - Costa, 1998, p. 71).

O *ciberespaço* é chamado de *espaço virtual*, pois só existe em *software*, mas sua realidade e concretude parecem ser palpáveis aos usuários, e milhões de seres humanos têm a sensação de que estão vivendo e se relacionando em duas realidades diferentes, a real e a *virtual*. Mas não é o homem que dá o tom nos primeiros contatos com o computador e, sim, a máquina, pois o homem não sabe o que fazer, quando a tela se

ilumina. Para lidar com as dificuldades iniciais, os programas estão se tornando cada vez mais fáceis de usar, conquistando assim cada vez mais usuários.

Bukon, Coulter, Lee e Shanokk, (1995, p. 15) afirmam:

“os computadores transformaram de múltiplas formas as nossas vidas e responderam a muitos dos nossos anseios, contudo eles não fornecem a chave para entendermos a própria mente.”

O computador, ao sair dos círculos acadêmicos, entrou no espaço doméstico e passou a ser usado por leigos em informática, para quem a experiência com a máquina se resume apenas àquelas de uso doméstico.

Os computadores de hoje não são simples arquivos de dados ou instrumentos para resolução rápida de problemas, eles apresentam a capacidade de gerar uma ampla gama de sentimentos em seus usuários: sentimentos negativos, de raiva, desespero, impertinência perante a máquina e sentimentos positivos, como de confiança, companheirismo, cumplicidade em relação à máquina. Nicolaci - Costa (1998) cita em sua obra vários relatos de seres humanos que admitem ter estabelecido uma relação de amizade e até mesmo de amor com seus computadores. Ela afirma:

“com o advento dos computadores contemporâneos e principalmente, de sua interligação em redes, adentramos um novo espaço onde impera uma nova realidade que só pode ser mapeada e apreendida a partir de novos conceitos.”

(Nicolaci - Costa, 1998, p. 74).

Maiorino (2000) tece um comentário em que o computador não tem dispositivos monstruosos, com autonomia para viciar as pessoas, como acontece com os psicotrópicos ou drogas pesadas, nem mesmo para deixar seus usuários loucos e solitários, pois os próprios seres humanos e suas relações desordenadas com o mundo é que podem deixar as pessoas doentes, e não as máquinas. Também o computador não

pensa sozinho, pois segundo Bleger (1991) para poder pensar é preciso haver chegado a um nível no qual seja possível admitir, tolerar um certo volume de ansiedade. Equivale o pensar a abandonar o marco de segurança e ver-se lançado numa corrente de possibilidades. Pensar não é inofensivo e fazer pensar também não o é. Isso o computador não faz. De acordo com Segal (1973) o pensar pode ser encarado como uma modificação da fantasia inconsciente da capacidade do ser humano para submeter-se ao teste de realidade.

É claro que não é saudável compensar na *Internet* nossas frustrações. Isso pode fazer com que uma pessoa adoça, como adoceria aquele que estabeleceu relações com o mundo de forma única.

Assim a *Internet* favorece o aperfeiçoamento da comunicação e também facilita o individualismo e a solidão. Isso revela um paradoxo: viver numa aldeia global onde a comunicação está presente e veloz e, ao mesmo tempo, viver a solidão. A *Internet* traz esse complicador para os seres humanos. Quando estes se relacionam na *Rede*, há uma comunicação rápida que envolve velocidade, onde as trocas são muito ligeiras, não sendo possível estabelecer vínculos relacionais mais profundos.

Capovilla (1997) esclarece que as pessoas desde o início da civilização inovam continuamente seus métodos de comunicação, formando uma *rede* que atinge proporções globais. Elas passam a integrar essa *rede* de comunicação que possibilita o contato com todos, independentemente das limitações individuais; até pessoas portadoras de distúrbios de comunicação podem dispor de comunicações alternativas remotas na *rede* computadores, para aliviar o desenvolvimento e processamento das informações.

A comunicação é um processo amplo. Hanna Segal (1991) afirma:

“A formação de símbolos governa a capacidade de comunicação, pois toda a comunicação é feita por meio de símbolos. Quando ocorrem perturbações esquizóides nas relações objetais, a capacidade de comunicação é simularmente perturbada: primeiro porque a diferenciação entre o sujeito e o objeto é toldada, e , segundo porque faltam os meios de comunicação, pois os símbolos são sentidos de modo concreto e, portanto, não estão disponíveis para fins de comunicação.” p. 55.

A autora esclarece que:

“o brincar é apenas incidentalmente uma comunicação, enquanto a arte não é só uma comunicação interna. Ela é uma comunicação com os outros. E grande parte do trabalho consiste em criar novos meios de comunicação.” (p. 117).

Os seres humanos têm buscado novas formas de comunicação. Após a revolução industrial, de acordo com Toffler (1980) a vida das pessoas se igualou à de uma máquina, mecânica e linear, e por muito tempo a máquina era o modelo. Hoje não é mais assim, pois a mente humana não só liga, produz, desliga, como também pode numa maneira flexível de trabalho pensar e produzir. E esse é um processo intrínseco, cabendo à organização criar condições para que a pessoa se desenvolva e se motive, pois a organização deve valorizar e dinamizar as pessoas para o trabalho.

Contudo, se as pessoas não utilizarem os sentidos que servem para captar o mundo exterior, poderão ter dificuldades para a integração, pois, como mostram Furlan e Ivo (1992), perderão parâmetros para terem a compreensão da realidade. A tecnologia trata muito dos dados visuais e auditivos, pouco sobre outros sentidos, levando as pessoas cada vez mais ao isolamento.

Kanaane (1994) diz que a socialização molda as pessoas, contudo os processos de socialização

“são produtos de algum padrão evolutivo prefixado, eles são produtos de decisões e indecisões e podem ser mudados” (p. 40).

Vemos que as relações interpessoais são necessárias para o efetivo desempenho, quer profissional, quer pessoal e só assim o ser humano verdadeiro surgirá, na sociedade contemporânea, pleno de sua potencialidade, sendo autor e ator de suas ações.

Psicólogos têm tido dificuldades em lidar com os fatos da estrutura e da organização social diz Kath e Kahn (1969). Os comportamentos padronizados e a conduta das pessoas são determinados por requisitos do padrão principal nas sociedades e organizações. Esse contexto tem sido pouco incluído nas teorias psicológicas. Para os autores, a teoria psicanalítica, lida com a influência da família sobre o indivíduo e outras teorias consideram o pequeno grupo como meio individual. Já Winnicott (1972) comenta a importância de influenciar e ser influenciado nas relações humanas, que abrange tanto o inconsciente como o consciente dos seres humanos.

Freud (1930) afirma que, no homem, quando o aspecto erótico prevalece, esse homem dá preferência aos relacionamentos emocionais com as pessoas. Já quando o aspecto narcisista predomina, esse homem tende a ser auto-suficiente, procurando satisfações principais nos processos mentais internos.

Winnicott (1984) afirma que as relações humanas são construídas a partir do amor e do ódio, que envolvem agressividade. A agressão pode ser um sintoma de medo. Já no âmbito profissional e pessoal, manifesta Kanaane (1994), as relações interpessoais são necessárias para o desempenho do ser humano. Winnicott esclarece que:

... *“De todas as tendências humanas a agressividade, em especial, é escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos, e quando se manifesta é sempre uma tarefa difícil identificar suas origens”* (p. 89).

... *“quando as forças cruéis ou destrutivas ameaçam dominar as forças de amor, o indivíduo tem de fazer alguma coisa para salvar-se, e uma das coisas que ele faz é pôr para fora o seu íntimo, dramatizar exteriormente o mundo interior, representar ele próprio o papel destrutivo e provocar seu controle por uma autoridade externa. O controle pode ser estabelecido desse modo, na fantasia dramatizada, sem sufocação séria dos instintos, ao passo que o controle interno necessitaria ser geralmente aplicado e resultaria num estado de coisas conhecidas clinicamente como depressão.”* (p. 94).

Alguns autores mais pessimistas colocam que os novos dispositivos tecnológicos, como o computador, a Internet poderiam nos fazer menos humanos. Estudos sugerem que o uso da Internet poderia causar impactos negativos nas nossas relações sociais, quer na família, nos círculos de amizades, na comunicação e com isso incrementar o sentimento de solidão.

O uso patológico da Internet, tem resultado no desenvolvimento de transtornos emocionais, colocados por alguns autores como “TAI” Transtorno de Adicção à Internet. Nesses casos, estudiosos esclarecem que o essencial a ser observado é se a conduta adictiva é o problema em si e isoladamente ou, por outro lado, se existem fatores predisponentes de personalidade que explicaria a aquisição e manutenção da adicção. (Ballone, 2001)

A seguir vamos observar as vertentes da Psicanálise em relação à solidão.

I.1.3 A Psicanálise e a Contemporaneidade

“A psicanálise tem sido criada para ser útil, atuando no campo do indivisível” (Outeiral, 1997, p. 23). Não há área em que a psicanálise não seja chamada a esclarecer fatos e situações.

Baseado nessas afirmações, Rosa (1999, p. 175) pronuncia:

“a teoria psicanalítica é a mesma e não sofre modificações conceituais para diferentes faixas etárias, como criança, adolescente e adulto. Variam o estilo do profissional e as técnicas psicoterápicas, porém permanecem válidos os mesmos conceitos psicanalíticos”.

“A psicanálise pertence à grande tradição científica de liberação do pensamento em relação ao dogma, quer religioso quer surgindo de uma tradição científica já estabelecida” (Segal, 1981, p. 287).

Mais tarde esta autora (Segal, 1991) esclarece que a psicanálise se aplica a todos os campos da atividade humana e, ao mesmo tempo, lança luz sobre a patologia e o progresso, e seu exercício satisfaz o desejo de um empenho terapêutico na prática psicanalítica como um interesse pelas ciências humanas. A psicanálise influencia escritores, artistas, cientistas, pois, através das idéias de Freud que se espalharam pelas teorias da mente e da condição humana, pode-se produzir um efeito sobre outras disciplinas e sobre a cultura ocidental, declara Spillius (1998).

Rezende (1998) afirma que a psicanálise propõe uma socialização do pensamento, ao passar do narcisismo para o socialismo; a lógica da psicanálise é amorosa, simbólica e relativa, não é unívoca, nem absoluta, nem racional, como o narcisismo.

O analista na atividade freudiana isenta-se de si próprio para colocar-se num “lugar de suposições”, declara Cardoso Filho (1996), desapropriando-se de seu nome, sobrenome, títulos, isentando-se de si próprio, desconstruindo-se enquanto sujeito para se colocar como objeto, dando lugar a emergência do sujeito analisando, vendo sua própria solidão. Por isso cada analista torna-se teórico para seus sujeitos, cada analista no seu isolamento, desconstrói-se.

“O analista fica só, ausente de si, só de si mesmo para que na solidão de seu ato uma verdade apareça, a verdade de cada analisando” p. 157.

O analista deve estar sensível à pessoa do analisando, quando este comparece ao consultório, deve observar suas expressões faciais, sua voz, seu ser total, descreve Bion (1988). Vidille (1999) complementa que a presença de aparelhos eletrônicos no setting psicanalítico pertencem à categoria de elementos não-verbais, como a postura corporal, os ruídos, os odores que estariam vinculados a significados particulares das representações, elementos esses que devem ser observados pelo analista e fazem parte da comunicação.

Os relacionamentos humanos envolvem comunicações, quer verbais, quer não verbais e as comunicações favorecem ou não esses relacionamentos. Freud (1930) afirma:

“contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter a distância das outras pessoas. A felicidade possível de ser conseguida através desse método é, como vemos, a felicidade da quietude” (p. 96).

Odgen (1994) vê o isolamento pessoal como muito importante para se compreender o desenvolvimento humano, o qual envolve um retraimento mais radical em relação aos seres humanos. Para ele seria

“o colapso da subjetividade e da intersubjetividade” (p. 163).

Pierson (1945) afirmou que o isolamento é a ausência de comunicação com os seres humanos. A timidez externa negativas, entre elas a solidão (Camisão, Figueira, Nardi, Mendwiz, Andrade, Marques, Coscarelli & Versiani, 1994).

Bion (1987) declara que o ser humano é semelhante à natureza e não tolera o espaço vazio, o vácuo e tenta ocupar esse espaço encontrando alguma coisa para entrar nesse vácuo. Maiorino (2000) refere-se ao vazio ético, que vivemos em nossa época. Com os índices de violência urbana altíssimos, seria pouco profundo discutir se a pessoa tem medo porque o computador a isola do mundo, até porque a pessoa percebe que a sociedade em que vive não construiu dispositivos e relações seguras, para preencher o espaço vazio, porque no computador o indivíduo encontra uma forma de compensar a realidade do mundo atual.

Esse ser humano semelhante à natureza, que tem medo que o computador o isole, desenvolve sentimentos, e como expõe Freud (1930):

“não é fácil lidar cientificamente com os sentimentos.... normalmente, não há nada de que possamos estar certos do que do sentimento de nosso eu, do nosso próprio ego.” (p. 83).

Ele considera que os homens mostram ser o propósito e a intenção de suas vidas, esforçam-se para obter felicidade, querem ser felizes e dessa forma permanecer.

Bogomeletz (1999), ao comentar esse texto de Freud, diz que o texto tem a ver com a idéia de que

“o homem ama tanto a si mesmo que em nome desse amor ele passará por cima de qualquer outro. Ao contrário; a própria psicanálise prova (inclusive a freudiana) que é falta de amor a si mesmo que acarreta os sintomas, as

reações, as revoltas, a agressão desenfreada (contra si e contra o outro).”
(p.110).

O próprio trabalho da análise é um trabalho de “des-repressão”, e não ao contrário, sendo inegável que a maturidade dá a entender que se alcança o amor a si próprio e conseqüentemente ao próximo, e nunca o contrário.

I.1.4 O sentimento de solidão na cultura

Nunca se falou tanto em solidão como nos dias atuais, embora poetas, escritores, filósofos e cientistas, como Pessoa (1930), Castello (1979), Charboneau (1984), Barretta, Dantzler e Kayson (1995) afirmem que a solidão sempre houve, e até uma escola literária portuguesa denominada “*Os Sós*”, cujo precursor foi Antonio Nobre [1867-1900], caracterizou a solidão como podemos ver em seus versos, publicado por Castilho (1979, p.11):

“O primeiro homem

Que grande é o mundo! E eu só!

Que tortura tamanha!

Ninguém!

Meu pai é o Céu. Minha mãe é a montanha, (Nobre, Paris, 1892)”.

A solidão não é apenas uma questão de insucesso pessoal, que afeta os seres humanos ou assuntos de romancistas e poetas, mas uma questão mais ampla e profunda que envolve aspectos psicológicos. Estima-se que mais de um quarto da população sofre regularmente de solidão (Kiley, 1992). Mas foi somente nos últimos dez ou quinze anos que a solidão foi estudada cientificamente.

Várias são as conceituações sobre a solidão, embora para este trabalho as definições kleinianas são as que nos norteiam. Vamos descrever algumas delas.

Kiley (1992) se refere a um psicanalista, Dr. Gregory Zilborg, que, em 1938, observou que a solidão é diferente de estar solitário. O estar solitário acontece a todos, a solidão traz depressão, irritabilidade, sensação de abandono, isolamento e ansiedade.

Alvin Toffler (1980), autor de “*O Choque do Futuro*”, um dos escritores apocalípticos do século XX, considera que as pessoas para terem uma vida emocional

satisfatória devem reconhecer as necessidades, estruturas e significados da comunidade. Qualquer sociedade deve gerar um sentimento de comunidade, pois esta contrabalança a solidão. Atualmente o que se observa é o constante avanço da solidão; em vários locais do mundo, adolescentes, adultos, casais, trabalhadores e idosos, se queixam de solidão.

A palavra solidão vem do latim “solitudo/solitudinis” e do grego “eremos”, segundo Silva (1996, p. 18):

“em ambos os casos significando deserto, lugar deserto, lugar despovoado, ermo, retiro. Também possui outros dois sentidos correlatos: falta, privação, estar retirado do mundo povoado, e o sentido mais amplo, abandono, desamparo, vida isolada e sem proteção, isolamento moral, interiorização.”

A definição usada por Ferreira (1992) ao referir-se à solidão seria:

“estado do que se encontra ou vive só” (p. 1319).

Kiley (1992, p. 29) define solidão como

“a reação emocional de uma pessoa ao perceber a discrepância entre os níveis esperados e os níveis obtidos no contato social”.

Ele esclarece que a solidão é uma experiência única, um problema real e inicia-se quando o que a pessoa recebe das outras não é aquilo que ela espera. É diferente de estar solitário, pois o estar solitário acontece a todos mais cedo ou mais tarde. Para Kiley esse medo irracional de estar sozinho recebe o nome de monofobia.

Quinodoz (1991) observa que, quando sentimos a dor de nossa solidão tomamos consciência de que existimos como ser só e único em relação a outra pessoa que é diferente de cada um de nós. A experiência da solidão pode ser transformada no tempo de duração da experiência psicanalítica, pois o analisando pode se sentir só e abandonado, quando a angústia de separação do término da análise é excessiva. A

capacidade de enfrentar o término da análise exprime a capacidade de viver a vida sozinho, criando vínculos de comunicação, consigo e com os outros. O autor questiona qual seria a saída que a psicanálise poderia oferecer a uma pessoa para quem a solidão é um pesadelo. Essa questão é primordial quando aprendemos que nossa vida é tecida por contínuas separações, e essas separações poderiam reativar o sentimento de solidão.

“Se a solidão é vivenciada como um pesadelo, é a vida toda então que desmorona.” (p. 187).

Por outro lado, se é vivenciada como positiva, a solidão seria um elã vital, transformando-se numa fonte de criatividade pessoal e estimulante para as relações afetivas.

Bion (1987) estabelece, em sua exposição sobre a solidão dos consultórios, que, quando nos debandamos para esse tipo de solidão, ocorre um tumulto, que pode dar-se na expressão verbal ou numa fase de latência.

Charbonneau (1984) esclarece que a solidão sempre existiu. Ele a define como *“a solidão não é quando não cuidam de nós com carinho; a solidão não é quando não temos ninguém com quem possamos falar para exprimir toda a dor do nosso coração.”* (p. 5).

Pinheiro e Tamayo (1987) têm comentado que a solidão nos últimos anos tem alcançado espaço nos trabalhos científicos dentro da Psicologia, pelo fato de se constituir um fenômeno de importância e fazem vários registros da conceituação da solidão:

- *“falta de objetivo e significado de vida”* (Bradley, 1970; Burton, 1961; Ellison, 1978)
- *“reação emocional”* (Ellison, 1987; Mishara, 1975)

- *“sentimento indesejado e desagradável”* (Gerson & Perlman, 1979; Moustakas, 1961, 1972; Russel et al., 1980; Sullivan, 1953; Walden, 1973)
- *“de isolamento e separação”* (Burton, 1961; Ellison, 1978; Moustakas, 1961, 1972; Pittman, 1977; Walden, 1973)
- *“deficiência nos relacionamentos”* (Anderson et al., 1983; Chelume, Sultan & Willians, 1980; Fromm - Reechmann, 1959; Lopata, 1969; Schmidt & Sermat, 1983; Sermant & Smith, 1973; Sullivan, 1953; Wheeler et al., 1983).

A definição de solidão para Pinheiro e Tamayo (1987 p. 54) é:

“uma reação emocional de insatisfações, decorrente de falta e ou deficiência de relacionamentos pessoais significativos, a qual inclui algum tipo de isolamento”.

Para esses autores a vida urbana tende a diminuir os contatos primários entre as pessoas, substituindo-os por contatos secundários, impessoais; em que há isolamento entre eles, e a solidão é uma consequência do processo de urbanização.

“O freqüente e estreito contato físico, mantido na vida urbana, acentua a reserva entre indivíduos desagregados uns dos outros, o que origina a solidão” (p. 55).

Já no meio rural, os contatos primários são mantidos através do conhecimento mútuo entre seus componentes, com a prática da boa vizinhança, da convivência, com os relacionamentos com base em sentimentos, emoções e cooperações.

Klein (1998) cita pesquisas com grávidas adolescentes nos E.U.A., de 11 a 21 anos, em que um dos fatores que contribuem para essa situação é a solidão.

Voltando a citar Toffler (1980, p. 362):

“A dor de estar só não é nova. Mas a solidão agora está tão generalizada que se tornou paradoxalmente uma experiência compartilhada.”

A solidão acentua diferenças mais que semelhanças e faz com que as pessoas se individualizem, tornando o contato humano mais difícil, pois quanto mais individualizada é a pessoa mais difícil se torna encontrar um companheiro, um amigo que tenha interesses, valores ou gostos que combinem entre si, levando as pessoas a se tornarem mais exigentes em seus elos sociais. O resultado são relações mal combinadas, ou nenhuma relação. A própria mudança que o mundo vem enfrentando está espalhando a dor do isolamento. A solidão não é uma questão apenas individual, mas um problema público, pois a própria sociedade afasta as pessoas do convívio social. O medo que os seres humanos têm de que os computadores venham privá-los do contato direto com as pessoas e tornar as relações humanas mais diretas, simplistas, leva-os a se afastarem das tecnologias. A importância de ir além do ataque à solidão deve começar a fornecer uma estrutura de ordem e propósitos na vida. Com o trabalho as pessoas podem ser ajudadas a compreender que a presente agonia da solidão e a impessoalidade são sintomas de colapso do futuro, afirma, apocalipticamente, Toffler.

Dentro do aspecto fenomenológico, Silva (1996) afirma que a solidão surge e acontece na experiência, envolvendo sentimentos de separação, ruptura, desamparo frente ao hostil e ao estranho. A negação da solidão, que frequentemente se usa como defesa, interfere nas relações com o objeto bom.

I.1.5 O Sentimento de solidão pela psicanálise, segundo a proposta de M. Klein

Melanie Klein [1882-1960] foi estudiosa da psicanálise e desenvolveu sua teoria a partir de observações feitas na situação clínica, e seus conceitos tratam de elementos muito primitivos da mente humana. Hinshewood (1991) esclarece que embora a psicanálise Kleiniana tenha sido vigorosa por focar o mundo intrapsíquico e produzir teorias relacionadas ao mundo externo e a sociedade, ela procurou defender o fato psicológico, não a constituição biológica em que as relações de objetos entre pessoa e mundo de objetos e valores são mais importantes e observadas pela compreensão psicológica da pessoa humana e seu mundo (Klein, Heimann & Money-Kyrle, 1955).

Embora a técnica Kleiniana para a psicanálise de crianças tenha sido primordial em toda a sua teoria, a psicanálise de adultos, derivada da análise de crianças, foi desenvolvida de forma muito notável, como afirma Rosa (1999)

“se o analista de criança se abster de reassegurar, orientar ou atuar pedagogicamente, e se limitar a interpretar a transferência e atender ao ponto de urgência da angústia, estabelecer-se-á uma “situação analítica”, do mesmo modo que a análise de adultos.” (p.169).

Em 1959, pela primeira vez, no 21º Congresso Internacional de Copenhague (Dinamarca), Melanie Klein apresenta seu artigo: “O Sentimento de solidão” que foi desenvolvido pouco antes de seu falecimento (Klein, 1963). Como uma inovadora teoria e técnica psicanalítica, seu artigo remete ao sentimento íntimo de solidão:

“o sentimento de estar só independente de circunstâncias externas de sentir-se solitário mesmo quando entre amigos e recebendo amor” (p. 133).

O Sentimento de solidão nasce de um anseio onipresente de um estado interno que não se pode atingir, é produzido e tem sua origem em ansiedades paranóides e depressivas, que não serão inteiramente vencidas no decorrer da vida da pessoa. Essas ansiedades são originárias das ansiedades psicóticas da criança na primeira infância. O Sentimento de solidão influencia os estágios sucessivos de toda a vida da pessoa, pois quando a criança se utiliza da extrema dependência da mãe como defesa protetora da solidão, essa necessidade de dependência continua como modelo por toda a vida. A criança sente insegurança, que Klein chama de paranóide, e essa seria uma das raízes da solidão, que vai se transferindo para a ansiedade depressiva que predomina dentro da normalidade.

A dificuldade de integração e o sofrimento que acompanha esse processo, expressam-se em pacientes de Melanie Klein, ao se sentirem solitários e abandonados. A integração plena nunca se alcançará, pois a aceitação e o completo entendimento de nossas emoções, ansiedades e fantasias não podem acontecer inteiramente, embora seja fator importante na solidão.

O esquizofrênico, segundo Melanie Klein (1963), pelo fato de sentir-se fragmentado, transforma sua incapacidade de internalizar de forma adequada seu objeto primário (a mãe), como objeto bom. Este fator se liga à solidão, aumentando a sensação de estar sozinho do esquizofrênico, bem como a sua própria confusão mental. Já o maníaco-depressivo se centra em sua incapacidade de manter uma convivência interna e externa com o objeto bom.

A função do vínculo, observada na análise de um de seus pacientes, leva Klein a concluir que aumentava a solidão quando ocorria a ligação com sentimentos em relação à mãe que esse paciente tinha como objeto morto.

“O material desse paciente apóia minha afirmação de existência de um vínculo entre a solidão e a incapacidade para integrar suficientemente o objeto bom, bem como aquelas partes do eu que lhe pareciam inacessíveis.” (p. 150).

No artigo de Klein vários fatores são apontados no sentido de ajudar e combater, contrabalançar, abrandar e diminuir a solidão, tais como:

- a integração de partes femininas e masculinas da personalidade e a diminuição desses papéis aumentam a capacidade para os relacionamentos;
 - a internalização satisfatória do objeto bom constitui a base da identificação que fortalece o sentimento de bondade e de confiança, tanto no objeto bom como no eu;
 - o suavizamento dos impulsos de destruição do superego, tolerando e aumentando a capacidade de suportar as limitações dos objetos amados;
 - a menor perigosidade com a diminuição da onipotência que surge com o progresso da integração, diferenciando entre os impulsos destrutivos e seus efeitos da agressividade e do ódio;
 - o alívio do ressentimento pelas frustrações, a aceitação das próprias limitações;
 - o prazer e o sentimento de compreender e ser compreendido, vinculado à gratidão, com a conexão entre o aceitar e o dar;
 - o desejo pela independência que faz parte do amadurecimento, pois a diminuição da dependência pelo objeto torna o indivíduo menos vulnerável e equilibra sua necessidade de proximidade interna e externa excessiva com as pessoas amadas;
 - a valorização dos outros e do êxito, como necessidade infantil de ser valorizada pela mãe, embora em excesso seja ineficaz;

- os fatores do desenvolvimento não eliminam por completo o sentimento de solidão, que podem ser utilizados como defesa;
- a internalização do seio bom, que só pode ocorrer através da interação positiva entre os elementos internos e externos;
- as influências externas, a atitude das pessoas importantes para o indivíduo. (Klein, 1963).

A interação dos fatores externos e internos tem grande importância sobre o aumento ou a diminuição da solidão. Mesmo quando as defesas são intensas e se reforçam mutuamente, a solidão não chega a ser experimentada conscientemente.

Klein, ao concluir seu artigo “O Sentimento de solidão”, diz do desejo de reformulá-lo; contudo não teve essa oportunidade, porque o artigo foi editado por seus testamentários após sua morte. Ela afirmou que, embora o sentimento de solidão possa diminuir ou aumentar em razão das influências externas, ele não será totalmente eliminado, pois a propensão para a integração surge de fontes internas que continuam a operar por toda a vida.

A biógrafa de Melanie Klein - Phyllis Gross - Kurth destacou que o artigo de Melanie Klein:

“é extraordinário e brilhante e comovente, Melanie Klein é discreta a respeito dos detalhes de sua vida, mas fala de suas experiências mais profundas, o luto, a depressão, a solidão, é um artigo trágico, em que as palavras parecem jorrar de algum manancial profundo de tristeza, nostalgia e ânsia.” (Seewald & Halperin, 1995, p. 30).

I.1.6 A Capacidade de Estar Só, pelo enfoque psicanalítico de D.W.

Winnicott

Donald Woods Winnicott (1896-1971) foi um estudioso da maternidade, seu interesse pela psicanálise surge a partir de 1914, com uma leitura de Freud. (Rosa, 1999). Ele se caracterizou dentro da psicanálise por apresentar conceitos e originais paradoxos, levando as pessoas a pensar e repensar esses conceitos. Ele afirmou que o homem está sempre em estado de “*vir a ser*”, de “*crecimento*”, de estabelecer novas conexões. (Outeiral & Graña, 1991). Ele

“é um autor muito complexo sob sua aparente simplicidade.” (Outeiral & Abadi, 1997, p. 169).

Foi em 24 de julho de 1957, na sociedade psicanalítica britânica, que Winnicott apresentou seu trabalho, que foi elogiado por Melanie Klein. (Outeiral & Graña, 1991). A partir de um ponto de vista psicoterapêutico, Winnicott chamou a atenção para a importância da solidão no processo de maturação humana e dos aspectos positivos da capacidade de estar só. (Silva, 1996).

Baseando-se nas teorias de Melanie Klein, ele supõe a existência de objeto bom na realidade psíquica da pessoa. (Outeiral & Graña, 1991). Considerando os pacientes em tratamento psicanalítico, Winnicott (1979) evidenciou que em certos momentos sua capacidade de estar só é de grande importância, pois representa uma fase de silêncio ou uma sessão silenciosa. Esse silêncio seria a conquista do paciente, não a resistência. Para ele a pessoa pode estar num confinamento solitário e, mesmo assim, não ser capaz de ficar só, pois muitas pessoas se tornam capazes de apreciar e valorizar a solidão, como uma forma preciosa.

“A capacidade de ficar só é um fenômeno altamente sofisticado, no qual uma pessoa pode chegar em seu desenvolvimento depois do estabelecimento de relações triádicas, ou então é um fenômeno do início, da vida que merece um estado especial porque é a base a qual a solidão sofisticada se constrói.”
(Winnicott, 1979, p. 32).

Para Winnicott, primeiramente haveria um ego, uma unidade formada por uma organização de núcleos do ego, logo após surge o estado do “*eu ou estou*”, e, finalmente, “*eu estou só*”, estado que é obtido pelo saber, por parte do bebê, que ele possui uma mãe suficientemente boa ou confiável.

A capacidade de estar só e suas características, segundo Winnicott:

- é um paradoxo, pois é a capacidade de estar só quando alguém está presente;
- significa maturidade do desenvolvimento erótico e a tolerância da ambivalência, juntamente com a capacidade da pessoa de se identificar com cada um de seus pais;
- depende da existência de um objeto bom na realidade psíquica do indivíduo;
- tem sua base na experiência precoce de estar só, mesmo na presença de alguém;
- é um processo sofisticado;
- está relacionada com a maturidade emocional.

Para Winnicott é na maternidade suficientemente boa que a pessoa tem a oportunidade de construir uma crença num ambiente favorável, e há sempre alguém presente que equivale à mãe inconsciente. Os aspectos positivos dessa capacidade

devem ser distinguidos do medo de ficar sozinho como resultado de um desejo. Portanto pode-se dizer que o estado mental da capacidade de estar só é

“a resultante de uma introjeção, assimilação do seio bom materno, conquista que gera como consequência um sentimento interno prazeroso, de segurança, condição imprescindível para vivenciar a solidão como uma capacidade egóica.” (Outeiral & Graña, 1991, p. 161).

Winnicott (1969) considerava que após um coito satisfatório cada parceiro se sente só e satisfeito por estar só, na presença do parceiro, chamando a esta situação de solidão compartilhada, isto é, uma solidão que é acompanhada por um estado de retraimento.

Também Winnicott estudou a solidão patológica nos estados esquizóides, em que a presença do outro é tão ameaçadora que estar só é um alívio e uma forma de ser. Outeiral e Abadi (1997) esclarecem que:

“os filobáticos serão os futuros pilotos de avião, ou de uma asadelta, os esquiadores de neve, aqueles que amam os perigos e a solidão, como uma espécie de formação reativa contra os riscos da ocnofilia - ficar para sempre dependente de alguém.” p. 193.

Eles citam Michael Balint que foi um contemporâneo de Winnicott e contribuiu para a psicologia com estudos da relação médico - paciente, descrevendo nas suas visitas em parques de diversões de pessoas:

“onde observava os que se atiravam dos brinquedos perigosos e os que permaneciam apegados a objetos ocnofílicos (mãe, namoradas), sem conseguir brincar” p. 193.

Para Winnicott o ocnofílico é aquele que permanece fixado às etapas de dependência absoluta e relativa, que posteriormente vão gerar os estados fóbicos e os

estados patológicos ligados à dependência do outro, enquanto que o filobático é aquele que vai além da capacidade normal de poder estar só, sem o outro.

I.1.7 Divergências e semelhanças entre os conceitos “Sentimento de solidão” e “Capacidade de Estar Só”

Autores como Seewald e Harlperin (1995) traçam um paralelo entre as teorias de Klein e Winnicott, mostrando suas diferenças e semelhanças. O texto de Melanie Klein:

“é rude, seco, desprovido de simplicidade, perde-se em circunvoluções e teoricamente mal arquitetado” p. 29.

Os próprios seguidores de Klein comentam o fato de a lente kleiniana no texto “O Sentimento de solidão” ser a do conflito e das angústias primitivas. Já Winnicott mostra-se mais acessível, otimista. A leitura do texto “A Capacidade de Estar Só”, é estimulante, agradável, apresenta uma visão desenvolvimentista, tratando inclusive das alegrias da solidão compartilhada.

“As diferenças teóricas entre os pontos de vista kleiniano e winnicottiano têm sido destacadas na literatura, o determinismo quase fatalista de Klein, contrapõe-se ao otimismo e pretensão ambientalismo de Winnicott.” (Seewald & Harlperin, 1995, p. 30).

Uma leitura cuidadosa dos dois autores não tem sido devidamente dimensionada em relação às suas teorias da pulsão de morte e do conceito de inveja. Os aspectos em que os autores convergem são evidentes:

“uma internalização bem sucedida do objeto bom é a raiz de uma identificação com ele, o que fortalece o sentimento de confiança e daquilo que é bom tanto no objeto quanto no self; ou seja, as lembranças felizes são um recurso à disposição da criança bebê, quando ela se sente frustrada, pois se ligam à esperança de novos tempos felizes. Não estará Klein se referindo aqui ao que

Winnicott se reporta quando observa ser a confiança do indivíduo quanto ao seu relacionamento com o objeto interno bom, o que lhe confere a capacidade de estar contente mesmo na ausência do objeto ou estímulo externos?” p. 32.

A reaproximação dos textos de Klein e Winnicott considera desde os primórdios do desenvolvimento aos fenômenos de diferenciação e da constituição arcaica do ser. Os espaços entre o bebê e a mãe, descritos por Winnicott e a gradativa condição de integração comentada por Klein, caracterizam uma separação que poderá ser equacionada com a imagem de uma ponte ou de um precipício.

Outeiral e Abadi (1997) afirmam que para Klein o sentimento de solidão é interno, tem ligação com o instinto de morte; já Winnicott rompe com o interno e o externo e fala da sobrevivência do objeto,

“ele descreve em sua transicionalidade é a perda do objeto para que surja o sujeito.” (Outeiral & Abadi, 1997, p. 85).

Para Winnicott (1979) a literatura psicanalítica escreveu mais sobre o medo, o desejo, a habilidade, do que sobre a capacidade de ser só como um sinal de maturidade emocional.

II - Objetivos

II.1 Objetivo Geral

Caracterizar o Sentimento de solidão em usuários da *Internet* e correlaciona-lo com seus valores psicossociais.

II.2 Objetivos Específicos

- 1- Verificar qual é o tempo de uso da *Internet* em relação ao tempo diário do usuário.
- 2- Estabelecer correlações entre o uso da *Internet* e o sentimento de solidão.

III - Método

III.1 Sujeitos

Os participantes da pesquisa foram escolhidos com objetivo de contatar um maior número significativo de usuários da *Internet*. Alguns participantes da pesquisa foram convidados pessoalmente, por fazerem parte do convívio social da pesquisadora, bem como também os alunos da FATEC. A outros participantes foram enviados *e-mails* através de endereços eletrônicos e de lista de *ICQ* (eu procuro você), que é um instrumento da *Internet* de fácil utilização, que informa ao usuário quem está on-line a qualquer hora, permitindo que se faça contato. Entre as funções disponíveis têm-se: bate-papo, mensagem, *e-mail*, *URL*, transferência de arquivo, etc..., também alerta quando alguém se *conecta*. Foram utilizados massivamente os recursos da *Internet* para a observação de fatos e fenômenos (Trindade, 1999).

Também foi utilizado um mecanismo comum na própria *Internet*, que são os *mecanismos de busca e pesquisa*, inserindo-se um conjunto de palavras chaves em *Sites* nacionais tais como: *Cade*, *Altavista*.

Participaram do estudo 316 sujeitos, 158 do sexo masculino e 158 do sexo feminino, com idades de 7 a 60 anos, média de 24,3 e desvio padrão igual a 8 anos e 5 meses, com níveis de escolaridade variando entre ensino fundamental incompleto e ensino universitário completo.

A pesquisa contou com participantes classificados em três classes de sujeitos.

Grupo 1 - Usuários da *Internet* - usuários da *Internet* de modo geral, que foram contatados via *e-mail*, *ICQ* ou pessoalmente, que responderam os questionários através de visita ao *Site*; constituídos de 65 sujeitos, 37 homens e 28 mulheres.

Grupo 2 - Alunos da FATEC - alunos que fazem o curso de Processamento de Dados na Faculdade de Tecnologia de São Paulo do CEETEPS (Centro Estadual de Educação

Tecnológica Paula Souza), da cidade de Ourinhos - S.P., que responderam os questionários através de visita ao *Site*, e se identificaram como alunos da FATEC; constituídos de 143 sujeitos, 65 homens e 78 mulheres,

Grupo 3 - Alunos da ETE - Alunos da Escola Técnica Estadual Jacinto Ferreira de Sá (ensino médio e profissionalizante) do CEETEPS (Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza), da cidade de Ourinhos - S.P., que não fazem uso da *Internet*, cujos questionários foram aplicados através do contato direto sujeito-pesquisador, em que foram dadas as instruções sobre os questionários, explicados os objetivos da pesquisa e esclarecidas as dúvidas dos participantes; constituídos de 108 sujeitos, 56 homens e 52 mulheres.

III.2 Material / Instrumentos

A *Internet* foi utilizada como recurso para o desenvolvimento do estudo. Para isso foi usado um *Site* que é o lugar na *Web*, que divulga as informações. É um conjunto de *Home Pages* que possuem o mesmo objetivo, que tratam de um mesmo assunto.

Uma *Home Page* é uma página base do *WWW (World Wide Web)* de uma instituição ou particular. A página base é uma espécie de ponto de partida para a procura de informação relativa a essa pessoa ou instituição. Ela é hospedada em um provedor. É escrita através de uma linguagem chamada *HTML (Hyper Text Markup Language)*, linguagem utilizada para a criação de páginas para a *WWW*. Não é uma linguagem de programação, é uma linguagem de descrição de páginas de informação. Com essa linguagem, que além do texto tem comandos para introdução de imagens, formulários, alteração de fontes, etc., pode-se definir páginas que contenham informações nos mais variados formatos: texto, som, imagens e animações.

E-mail ou Correio Eletrônico já é muito conhecido e utilizado. É um sistema de comunicação em que mensagens eletrônicas são enviadas de uma pessoa para outra através da *Internet*, para o mundo inteiro. Nosso endereço pessoal funciona como uma espécie de caixa postal, que armazena mensagens, que, recebidas e uma vez abertas, podem ser gravadas ou impressas.

Para desenvolver a página da pesquisa que se denominou <http://www.ourinhos.com.br/pesquisasolidao> (Anexo1) utilizou-se um *software* chamado *FrontPage Express*. O *FrontPage Express* é um editor de páginas da *Web* que dá completo acesso ao poder do *HTML (Hyper Text Markup Language, linguagem de marcação de hipertexto)*. O *FrontPage Express* foi usado para criar e formatar páginas

em *HTM*. O *FrontPage Express* nos permite criar, visualizar a estrutura hierárquica do *Site*, inserir *links* automaticamente e salvar documentos em *HTML*, inclui modelos, funciona como um *mininavegador*. Foi utilizado o *Internet Explorer*, para ver a formatação e o *layout* da Página. (Lemay, 1995).

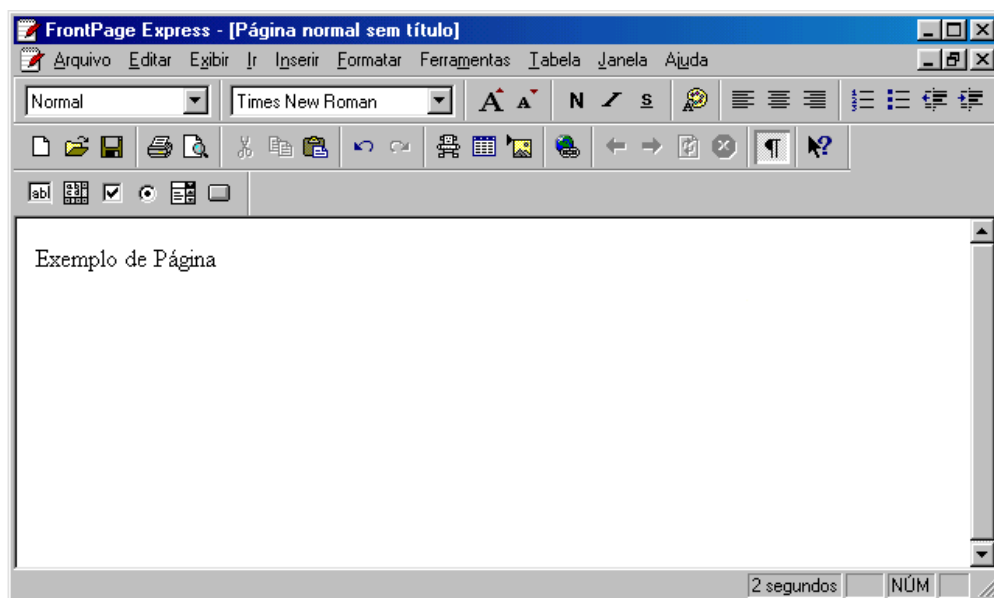


Figura 1: Interface do Software FrontPage Express

A composição do material do estudo se deu por sugestões do orientador em discussões sobre a composição dos conteúdos dos questionários e por critérios da pesquisadora. Também foi anexado ao estudo um glossário para auxiliar o entendimento de palavras usadas em Informática.

Utilizou-se um questionário para o levantamento de informações. O questionário apresenta, como todo instrumento de pesquisa, suas vantagens e limitações. A maior vantagem envolve a possibilidade de abranger um maior número de pessoas. A falta de boa vontade e disposição para responder ao questionário é uma dificuldade a ser superada, pois é comum deparar-se com 20% de pessoas que “não podem” responder a estes. A utilização de questionários torna-se mais valiosa na

realização de pesquisas descritivas ou quantitativas e também pode garantir o anonimato dos participantes.

Os questionários montados foram disponibilizados aos participantes de duas formas: a primeira como página da WWW, acessível via *Internet*; a segunda como páginas impressas que foram respondidas por participantes (alunos da ETE Jacinto Ferreira de Sá).

A página apresentada foi dividida em partes:

- a) **Apresentação.** Fala sobre a pesquisa, informa o objetivo, dá as instruções e esclarece como a página está dividida, contém os *links* para navegação na página, explica como as perguntas devem ser respondidas.

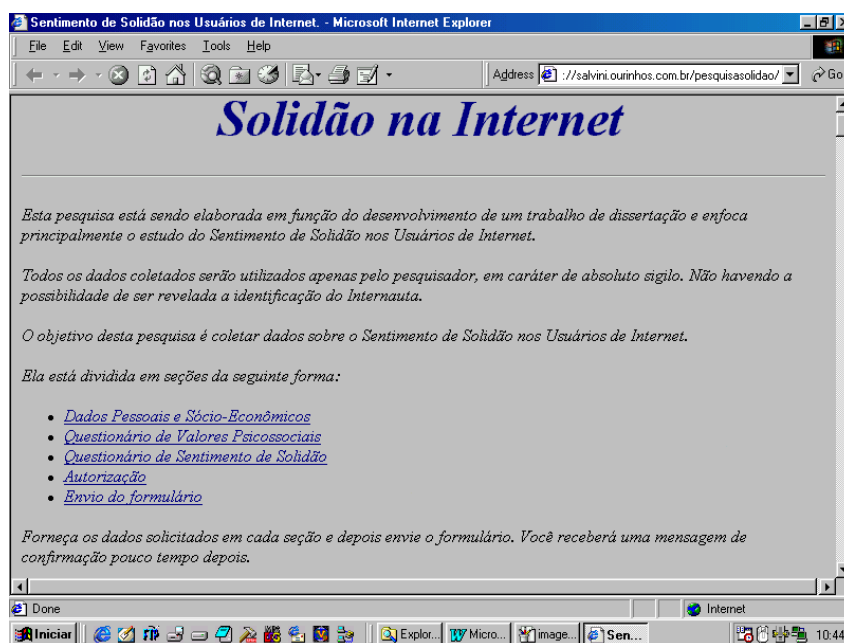
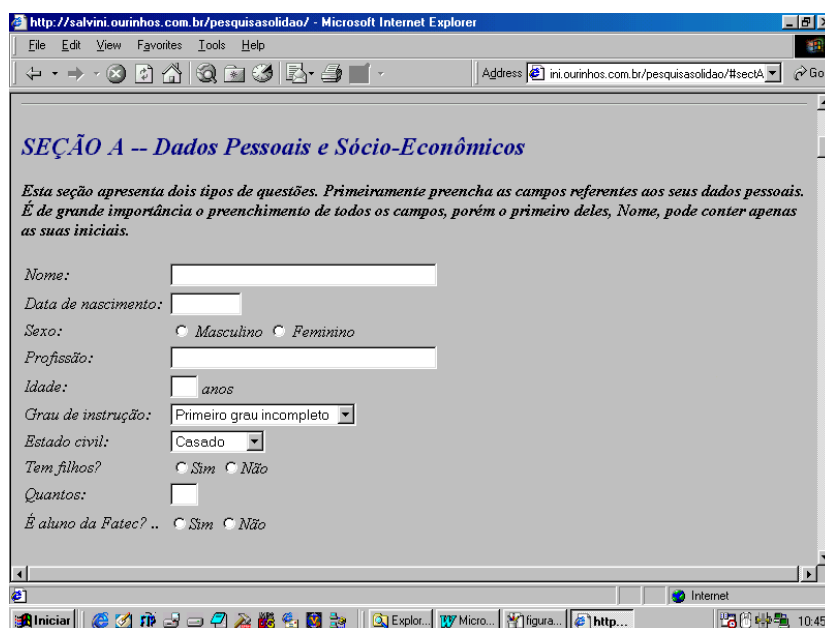


Figura 2: Página de Apresentação

- b) **Seção A - Dados Pessoais e Sócio-Econômicos.** Contém questões sobre dados pessoais como nome (ou iniciais), data de nascimento, sexo, profissão, idade, grau de instrução, estado civil, número de filhos, e o item se é ou não aluno da FATEC. Nas questões sobre os dados sócio-econômicos, foi utilizado o Critério

ABIPEME - Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado que apresenta questões sobre o grau de instrução do chefe de família e número de bens (itens possuídos na casa), tais como: carros, TV a cores, rádios, aparelhos de videocassete, aspiradores de pó, máquinas de lavar roupa, geladeiras, banheiros e empregadas mensalistas. (Anexo 2)



The image shows a screenshot of a Microsoft Internet Explorer browser window. The address bar displays 'http://salvini.ourinhos.com.br/pesquisasolidao/'. The page title is 'SEÇÃO A -- Dados Pessoais e Sócio-Econômicos'. Below the title, there is a paragraph of instructions: 'Esta seção apresenta dois tipos de questões. Primeiramente preencha as campos referentes aos seus dados pessoais. É de grande importância o preenchimento de todos os campos, porém o primeiro deles, Nome, pode conter apenas as suas iniciais.' The form contains several fields: 'Nome:' with a text input; 'Data de nascimento:' with a date picker; 'Sexo:' with radio buttons for 'Masculino' and 'Feminino'; 'Profissão:' with a text input; 'Idade:' with a text input and the label 'anos'; 'Grau de instrução:' with a dropdown menu showing 'Primeiro grau incompleto'; 'Estado civil:' with a dropdown menu showing 'Casado'; 'Tem filhos?' with radio buttons for 'Sim' and 'Não'; 'Quantos:' with a text input; and 'É aluno da Fatec? ..' with radio buttons for 'Sim' and 'Não'. The browser's taskbar at the bottom shows the 'Iniciar' button and several open applications, including Explorer, Micro..., figura..., and http... The system clock shows 10:45.

Figura 3: Página sobre Dados Pessoais e Sócio-Econômicos

- c) **Seção B - Questionário de Valores Psicossociais.** Contém trinta e seis (36) questões, em que o participante deveria responder verdadeiro (V) ou falso (F).

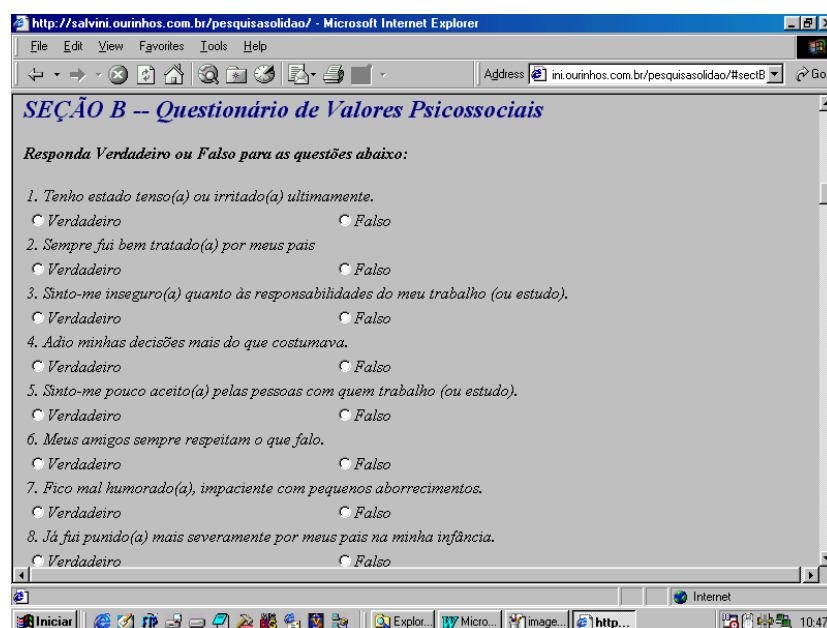


Figura 4: Página do Questionário de Valores Psicossociais

Este questionário foi elaborado pela pesquisadora do estudo de acordo, com Carelli (1999) e vários autores, entre eles Guimarães (1998). Para definir as questões, por sugestão de Carelli (1999), a pesquisadora desenvolveu cento e trinta e oito (138) questões baseadas em seis (6) categorias, pré-determinadas através da pesquisa de Carelli; foram escolhidas às trinta e seis (36) questões mais adequadas, após discussão com o autor. As seis (6) categorias são:

A - Relacionamentos familiares/infância

Questões de números: 02 - 08 - 13 - 17 - 30 - 31

B - Relacionamentos sociais

Questões de números: 06 - 11 - 19 - 26 - 28 - 35

C - Trabalho ou estudo

Questões de números: 03 - 05 - 14 - 21 - 29 - 32

D - Sentimentos

Questões de números: 10 - 16 - 23 - 25 - 27 - 33

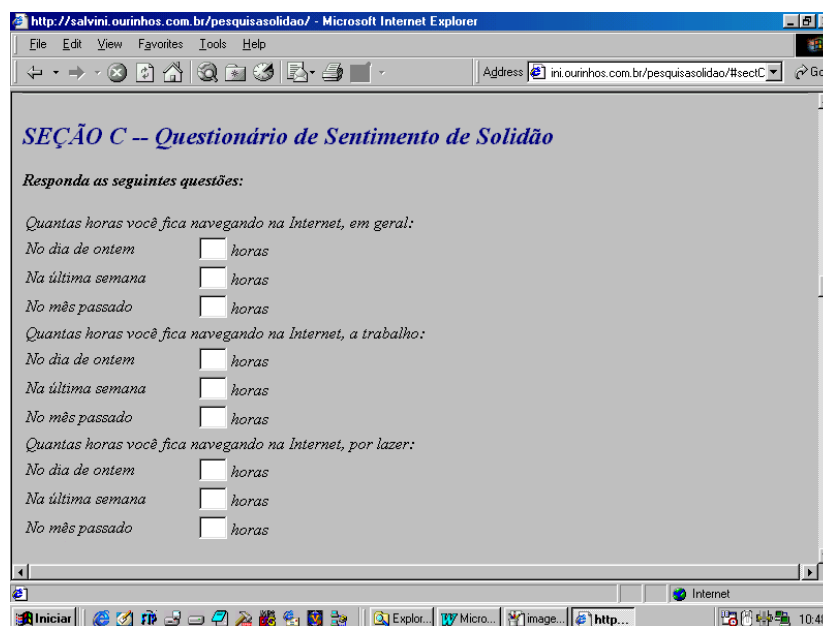
E - Dificuldades gerais

Questões de números: 04 - 12 - 18 - 20 - 24 - 34

F - Humor/fadiga

Questões de números: 01 - 07 - 09 - 15 - 26 – 36

- d) **Seção C - Questionário Sentimento de Solidão.** Primeiramente, o participante deveria responder a questões sobre o número de horas passadas frente à *Internet* (com exceção do grupo 3).



The screenshot shows a Microsoft Internet Explorer window with the address bar displaying 'http://salvini.ourinhos.com.br/pesquisasolidao/#sectC'. The page content is as follows:

SEÇÃO C -- Questionário de Sentimento de Solidão

Responda as seguintes questões:

Quantas horas você fica navegando na Internet, em geral:

No dia de ontem horas

Na última semana horas

No mês passado horas

Quantas horas você fica navegando na Internet, a trabalho:

No dia de ontem horas

Na última semana horas

No mês passado horas

Quantas horas você fica navegando na Internet, por lazer:

No dia de ontem horas

Na última semana horas

No mês passado horas

Figura 5: Página com questões referentes ao tempo usado frente a *Internet* pelo participante.

Também deveria responder um questionário com cinquenta e duas (52) questões em que o participante escolheria a opção Sim/Verdadeiro ou Não/Falso. As questões do questionário foram selecionadas de acordo com Klein (1963), sendo que 50% das questões são afirmativas e 50% são negativas.

- e) **Seção D - Autorização.** O participante deveria responder Sim ou Não, se autoriza ou não a utilização dos dados na pesquisa.
- f) **Envio do Formulário.** Após devidamente preenchida a página pelo participante, os dados do formulário foram enviados via *e-mail*. Conforme os

dados chegavam, foram separados em dois grupos distintos: os de usuários da *Internet* e o de alunos da FATEC.

III.2.1 Local / Ambiente

O grupo 1 - Usuários de *Internet* responderam a pesquisa via *on-line*, não sendo possível precisar o local de origem desse grupo. Sabe-se através de alguns *e-mails*

recebidos pela pesquisadora que sujeitos de vários estados brasileiros responderam a pesquisa: Amazonas, Brasília, Paraná, Santa Catarina e São Paulo, como brasileiros residentes nos Estados Unidos e Japão.

O grupo 2 - Alunos da FATEC também responderam a pesquisa via *on-line* e acessaram-na através de seus computadores pessoais e/ou dos computadores disponibilizados nos laboratórios da FATEC - Ourinhos, *conectados à Internet*.

O grupo 3 - Alunos da E.T.E. são residentes no município de Ourinhos e responderam à pesquisa em salas de aula da escola em que estudam, num ambiente tranqüilo. Foram escolhidos para a investigação, por tratar-se da região local de residência e trabalho da pesquisadora.

III.3 Procedimento

Com os questionários prontos, começou a etapa de desenvolvimento do estudo. A Página *WWW (World Wide Web)* foi montada e disponibilizada pelo provedor Ourinhos, a partir de 3 de outubro de 2000.

Os dados dos nove (9) primeiros participantes foram utilizados como um *Pré-Teste*. De acordo com Barros e Lehfeld (1994), pode-se chamar *Pré-Teste ou Grupo Piloto* uma sub-amostra em que foram observadas a compreensão das questões, a verificação de dúvidas e dificuldades no preenchimento do formulário.

Em 16 de outubro de 2000, a Página foi atualizada. Foram feitas as correções necessárias no *layout*, como no local de preenchimento de nome, acrescentaram-se iniciais, como nas questões de números trinta e nove (39) e quarenta e seis (46) do Questionário de Solidão, em que era possível responder às duas alternativas. A seguir a Página foi disponibilizada na rede e iniciado o estudo.

Chamadas gerais foram feitas informando a existência do estudo, por meio de folhetos distribuídos aos alunos da FATEC, cartazes colocados em murais da faculdade, bem como através do serviço de entrega de *e-mails* a usuários anônimos, estes especificando em seu corpo que se tratava apenas de um convite à pesquisa, sem nenhuma intenção de *spam*.

O participante ao acessar o endereço da página esta se abre, e ele inicia sua participação no estudo.

Foram utilizados os dados dos sujeitos que acessaram a página até o dia 27 de março de 2001 (véspera do Exame de Qualificação da pesquisadora), portanto totalizando 163 dias, tempo suficiente para suprir a quantidade necessária de participantes para o estudo.

A Página permaneceu disponível para ser acessada até o final de 2001; após esta data ela foi retirada da Rede e os dados obtidos, por sugestão do orientador, servirão para compor um artigo científico sobre o tema em estudo.

IV - Resultados

Neste estudo, o objetivo inicial foi investigar o sentimento de solidão e correlacionar essa afirmativa com valores psicossociais dos sujeitos pesquisados.

Para a experimentação dos instrumentos foi feito um estudo piloto com 9 participantes, seguindo-se às normas referidas no item Procedimento, página 52. A aplicação dos instrumentos mostrou-se eficaz e possibilitou a continuação dos estudos.

Participaram do presente estudo 316 sujeitos, sendo que 208 responderam a pesquisa *on-line* e 108 responderam através de formulários impressos, com idade variando de 7 a 60 anos e escolaridade de ensino fundamental incompleto a ensino universitário completo. Os sujeitos foram divididos em três grupos: grupo 1, Usuários da *Internet* (Não-Fatec); grupo 2, Alunos da FATEC (Fatec); grupo 3, Alunos da E.T.E (Técnico).

Para assegurar compromisso de responsabilidade quanto ao sigilo na identificação dos sujeitos, como na utilização dos dados, foi apresentado o termo de autorização (Anexo 1).

Depois de coletar os dados necessários para o estudo, utilizou-se o *Excel* para analisá-los. Utilizando este aplicativo de planilha, que consiste em um conjunto de linhas, colunas e células, que armazenam os dados e permite a manipulação deles, consegue-se gerenciá-los, analisá-los e construir uma apresentação gráfica dos mesmos. (Microsoft *Excel 5 for Windows*, 1999).

Criou-se uma tabela de dados de entrada para que as informações fossem tabuladas, em que se relacionaram às questões com a resposta de cada participante do estudo. Ocorreram diversos tipos de dados e várias combinações.

Para comparar os valores, introduziram-se algumas funções como as funções *SE*, *MÉDIA*, *SOMA*, *CONTVALORES*, *BDCONTARA*. Estas funções são fórmulas

embutidas que tomam uma série de valores, usados para executar uma operação e retornar a seleção de dados. Contou-se com a ajuda de um Assistente de Função para selecionar e introduzir em uma célula como parte de uma fórmula.

Uma tabela dinâmica foi criada para uma maior análise dos dados. Essa tabela exibe resumos bidirecionais de dados selecionados de um *banco de dados* em diferentes combinações. O *Assistente de Tabela Dinâmica* foi usado e tirou uma lista de dados, exibindo resumos das partes dos dados que atenderam ao critério utilizado, pois não se utilizaram todos os campos do *banco de dados*. Para uma melhor compreensão dos dados quantitativos obtidos foi utilizada a visualização gráfica (tabelas).

Aos 316 sujeitos foi apresentada a pesquisa que está dividida em seções, conforme o item Método, na página 40. O levantamento dos dados quantitativos foi feito nos três grupos estabelecidos, seguindo-se a ordem: dados pessoais (sexo, estado civil, grau de instrução e profissões), classe social, Questionário de Valores Psicossociais (geral e categorias), Questionário Sentimento de Solidão e Horas na *Internet* (geral, a trabalho e a lazer).

Os resultados estatísticos estão representados por tabelas e comentários abaixo delas.

Tabela 1 - Idade e Frequência nos 3 grupos.

Foi avaliado o intervalo das idades extremas (menor e maior) apresentadas pelos sujeitos e mostradas as frequências (%)

Idade	Frequência		
	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
P 12	4	0	0
13-23	24	116	63
24-35	17	21	32
36-47	14	5	12
48-60	6	1	1

As idades dos sujeitos pesquisados variaram de 7 a 60 anos de idade. Observamos que a maioria dos sujeitos estava na faixa etária de 13 a 23 anos. São poucos os sujeitos que ficaram nas faixas etárias extremas, P12 e 48-60 anos. A média de idade foi de 24,3 anos e o desvio padrão, de 8 anos e 5 meses.

Tabela 2 - Idade média aproximada nos 3 grupos.

Foi observada a média de idade aproximada entre os 3 grupos pesquisados.

Idade Média Aproximada		
Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
28,65	20,76	24,35

A idade média aproximada nos 3 grupos apresentou pouca diferença estatisticamente, sendo que o grupo 1 evidenciou a idade média mais alta.

Tabela 3 - Sexo nos 3 grupos.

Número e porcentagens dos sujeitos pesquisados dos sexos masculino e feminino.

Números e porcentagens	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Homens	37 - 57%	65 - 45%	56 - 52%
Mulheres	28 - 43%	78 - 55%	52 - 48%

Os sujeitos pesquisados apresentaram, na somatória dos 3 grupos, 50% para o sexo masculino e 50% para o sexo feminino.

Tabela 4 - O Estado Civil nos 3 grupos.

Apresenta o número e porcentagem de estado civil dos sujeitos pesquisados nos 3 grupos.

Número e porcentagem/Estado Civil	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Casados	20 - 31%	18 - 13%	27 - 25%
Solteiros	38 - 53%	124 - 86%	78 - 72%
Divorciados	4 - 6%	1 - 1%	3 - 3%
Viúvos	3 - 5%	0 - 0%	0 - 0%

Estado civil dos sujeitos pesquisados nos 3 grupos apresentou maior número de sujeitos solteiros (53, 86 e 72%, respectivamente grupos 1, 2 e 3), sendo que apresentou um número menor de casados e bem menos de divorciados e pouquíssimos de viúvos (apenas 5% para o grupo 1). No grupo 1 casados e solteiros estão mais bem distribuídos, já nos grupos 2 e 3 estão mais semelhantes.

Tabela 5 - Grau de Instrução para os 3 grupos.

Apresenta a escolaridade (em anos) e a frequência dos sujeitos pesquisados, sendo que P7 equivale ao 1º grau incompleto, 8 equivale ao 1º grau completo, 9-10 equivale ao 2º incompleto, 11 equivale ao 2º grau completo, 12-14 equivale ao 3º grau incompleto e Σ15 equivale ao 3º grau completo.

Escolaridade	Números e Frequência %		
	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
P7	14 - 22%	0 - 0%	0 - 0%
8	1 - 2%	0 - 0%	0 - 0%
9-10	4 - 6%	0 - 0%	12 - 11%
11	12 - 18%	0 - 0%	82 - 76%
12-14	11 - 17%	141 - 98%	4 - 4%
Σ15	23 - 35%	2 - 2%	10 - 9%

Os sujeitos pesquisados apresentaram variável frequência no grau de escolaridade, sendo que para o grupo 1 a maior frequência foi de sujeitos com escolaridade Σ15 anos (3º grau completo) - 35%. No grupo 2, a maior frequência foi para escolaridade de 12-13 anos (3º grau incompleto) - 98%. E no grupo 3, a maior frequência foi de sujeitos com escolaridade de 11 anos (2º grau incompleto) - 76%. Observa-se que o grupo 1 apresenta menor escolaridade em anos que os outros dois grupos.

Tabela 6 - Profissões para os 3 grupos.

Apresenta diversas profissões nos 3 grupos pesquisados.

Profissões	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Aposentado	4	1	-
Atendente	-	-	4
Autônomo	3	2	-
Bancário	2	3	-
Cinegrafista	-	-	1
Comerciante	2	2	3
Digitador	-	1	2
Empresário	4	1	1
Escriturário	3	1	1

Estudante	23	99	62
Nível Universitário	7	2	1
Oper. de Máquinas	1	-	7
Policia Militar	-	1	1
Professor	7	1	3
Programador	-	2	-
Secretário	-	1	2
Sem ocupação	-	2	1
Servidor Público	1	4	1
Técnico	6	20	17
Vendedor	2	-	1

As profissões dos sujeitos pesquisados nos 3 grupos apresentaram um maior número de estudantes (23, 99 e 62, respectivamente para os grupos 1, 2 e 3) e de técnicos (6, 20 e 17, respectivamente para os grupos 1, 2 e 3), sendo que outras profissões tiveram pouca escolha como cinegrafista, digitador, secretário e vendedor, com 3 sujeitos cada. Em grau universitário as profissões encontradas foram advogados, dentistas, engenheiros, enfermeiras e psicólogas. O grupo 1 apresenta 35% de estudantes, o grupo 2 apresenta 69% de estudantes, o grupo 3 apresenta 57% de estudantes, observa-se o menor número de estudantes no grupo 1.

Tabela 7 - Classe Social.

Os pontos de cada classe foram obtidos através da análise de itens indicadores dos sujeitos pesquisados e o grau de instrução do chefe de família. A somatória dos pontos define a classe social. Para essa definição utilizou-se o Critério ABIPEME (Anexo 2).

Classe Social	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Classe A	15 – 23%	7 - 5%	3 - 3%
Classe B	30 – 46%	93 - 65%	51 - 47%
Classe C	17 – 26%	40 - 28%	49 - 45%
Classe D	3 – 5%	3 - 2%	5 - 5%
Classe E	0 – 0%	0 - 0%	0 - 0%

A Classe Social dos sujeitos pesquisados apresentou maior frequência na classe B (30, 93 e 51, respectivamente nos grupos 1, 2 e 3), na Classe C (17, 40 e 49, respectivamente nos grupos 1, 2 e 3). As outras Classes A, D e E apresentaram frequência bem menor. Percebe-se que no grupo 1 as classes sociais estão mais bem distribuídas, com 23% de sujeitos na Classe A.

Tabela 8 - Horas na *Internet*.

Apresenta as horas de utilização da *Internet* de forma geral, em relação a trabalho e a lazer, no mês, pelos sujeitos pesquisados dos grupos 1 e 2. O grupo 3 não utilizou a *Internet*. Foram avaliados os extremos das horas (menor e maior), divididas em cinco faixas. A tabela representa a quantidade de sujeitos existentes numa determinada faixa.

Faixa de consumo/ horas de <i>Internet</i>/	Grupo 1			Grupo 2		
	Mês	Geral	Trabalho	Lazer	Geral	Trabalho
0-22	48	58	53	88	117	112
23-45	3	2	2	27	8	17
46-68	6	1	6	12	8	8
69-91	0	0	0	11	7	5
92-115	8	4	4	5	3	1

Os sujeitos pesquisados apresentaram em horas na *Internet* o maior índice de consumo mensal na faixa de 0 a 22 horas de *Internet*, sendo bem menores as outras faixas de horas.

A seguir foram feitas algumas análises das respostas dadas pelos sujeitos: Análise das respostas verdadeiras dos Questionários de Valores Psicossociais e Sentimento de Solidão, Análise através do uso da Fórmula Binomial, Análise de Itens, Análise através da utilização do Teste de Qui-Quadrado, Análises de Correlação de Postos e Análise Comparativa sobre o Número de Horas Acessando a *Internet*.

IV.1 Análise das Respostas Verdadeiras

IV.1.1 Análise das Respostas Verdadeiras do Questionário de Valores Psicossociais

Foram avaliadas e observadas as respostas verdadeiras nos dois questionários da página pesquisada (Anexo 1). No Questionário de Valores Psicossociais Geral, observou-se que no grupo 1 as questões que mais apresentaram respostas verdadeiras foram as de número 1 - 2 - 7 e 29, com respectivamente 51, 42, 44, e 49 respostas afirmativas. No grupo 2, as questões que mais apresentaram respostas verdadeiras foram as de número 2 - 6 - 12 - 18 e 29, com respectivamente 127, 115, 113, 102 e 117 respostas afirmativas. No grupo 3, as questões que mais apresentaram respostas verdadeiras foram as de número 2 - 6 - 12 - 18 - 27 e 29, com respectivamente 90, 73, 86, 74, 74 e 90 respostas afirmativas. Para os três grupos, foram escolhidas a questão 2 e 29.

O Questionário de Valores Psicossociais, dividido em 6 categorias, apresentou o seguinte resultado de acordo com a tabela abaixo: Categoria A - (Relacionamento familiar/infância) - para o grupo 1 - 30% dos sujeitos responderam a questões verdadeiras Σ4. Para o grupo 2 - 16% dos sujeitos responderam a questões verdadeiras Σ4. Para o grupo 3 - 28% dos sujeitos responderam a questões verdadeiras Σ4. Categoria B - (Relacionamento Social) - para o grupo 1 - 27% dos sujeitos responderam a questões verdadeiras Σ4. Para o grupo 2 - 25 % dos sujeitos responderam a questões verdadeiras Σ4. Para o grupo 3 - 18% dos sujeitos responderam a questões verdadeiras Σ4. Categoria C - (Trabalho ou estudo) - para o grupo 1 - 23% responderam a questões verdadeiras Σ4. Para o grupo 2 - 13% responderam a questões verdadeiras Σ4. Para o grupo 3 - 20% responderam a questões verdadeiras Σ4. Categoria D - (Sentimento) - para o grupo 1 - 32% responderam a questões verdadeiras Σ4. Para o grupo 2 - 8% responderam a questões verdadeiras Σ4. Para o grupo 3 - 20% responderam a questões verdadeiras Σ4. Categoria E - (Dificuldades Gerais) - para o grupo 1 - 33% responderam a questões verdadeiras Σ4. Para o grupo 2 - 27% responderam a questões verdadeiras Σ4. Para o grupo 3 - 31% responderam a questões verdadeiras Σ4. Categoria F - (Humor/fadiga) - para o grupo 1 - 58% responderam a questões verdadeiras Σ4. Para o grupo 2 - 25% responderam a questões verdadeiras Σ4. Para o grupo 3 - 24% responderam a questões verdadeiras Σ4.

Tabela 9 - Porcentagem de repostas verdadeiras por categorias.

Porcentagem de repostas verdadeiras por categorias			
Categoria	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
A	30%	16%	28%
B	27%	25%	18%
C	23%	13%	20%
D	32%	8%	20%
E	33%	27%	31%
F	58%	25%	24%

No geral as repostas dos grupos 2 e 3 estão mais parecidas, as maiores quantidades de repostas verdadeiras estão relacionadas a um padrão de comportamento.

IV.1.2 Análise das Respostas Verdadeiras para o Questionário

Sentimento de solidão

Para o Questionário Sentimento de Solidão no grupo 1 as questões que mais foram respondidas verdadeiras foram as de número 11 - 21 - 30 - 42 - 46 e 52, com respectivamente 47, 51, 52, 50, 50 e 47 respostas afirmativas. Para o grupo 2, as questões respondidas verdadeiras foram as de número 11 - 21 - 29 - 33 e 42, com respectivamente 111, 126, 121, 108 e 110 respostas afirmativas. Para o grupo 3, as questões respondidas verdadeiras foram as de número 33 - 36 - 37 e 50, com respectivamente 79, 85, 81, e 90 respostas afirmativas. As questões 21 - 33 e 42 foram as que tiveram maior índice de respostas verdadeiras nos 3 grupos.

IV.2 Fórmula Binomial (Quantas pessoas terão que responder verdadeiro para ser considerada verdadeira a questão)

Foi utilizada a Fórmula Binomial para analisar as respostas verdadeiras dos questionários pesquisados. Para sabermos quantas pessoas terão que responder verdadeiro para ser considerada a questão ($p \in 0,5$) utilizamos a prova binomial. (Siegel, 1956).

IV.2.1 Fórmula Binomial para o Grupo 1 - Não Fatec = 65 sujeitos

Estamos testando:

$H_0: p = 0,5$ (o número de respostas verdadeiras é igual a falsa)

$H_1: p \neq 0,5$ (o número de respostas verdadeiras é maior do que as falsas)

Assim sob H_0 , temos que o número médio de respostas verdadeiras e o desvio padrão serão:

$$\mu = np = 65 \cdot 0,5 = 32,5$$

$$\delta = \sqrt{npq} = \sqrt{65 \cdot 0,5 \cdot 0,5} \cong 4$$

Utilizando a aproximação normal para o modelo binomial, o número de respostas verdadeiras “X” terá uma distribuição aproximadamente normal com média $\mu = 32,5$ e desvio $\delta \cong 4$.

Queremos um valor de “x” para rejeitarmos H_0 , ou seja, um valor para podermos afirmar que o número de respostas verdadeiras é maior do que o número de falsas, com um nível de significância estatística de 5% ou 0,05, ou seja, queremos ter:

$$P(X \geq x) = 0,05 \text{ ou } P(X \leq x) = 0,95$$

Utilizando a correção de continuidade, teremos:

$$P(X \leq x + 0,5) = 0,95$$

Efetando a padronização normal, teremos:

$$P\left[Z \leq \frac{(X + 0,5) - 32,5}{4}\right] = 0,95 \Rightarrow$$

$$\frac{X + 0,5 - 32,5}{4} = 1,64 \Rightarrow X \cong 39$$

Portanto se o número de pessoas que responderam verdadeiro for maior ou igual a 39 podemos afirmar que a maioria é verdadeira ao nível de significância de 5% das respostas.

Grupo 1 (Não Fatec) - Se for maior ou igual a 39 respostas V (verdadeiras), podemos afirmar que a maioria é V (verdadeira) ao nível de 5%.

Para o Questionário de Valores Psicossociais, consideramos verdadeiras as questões 1 - 2 - 7 - 15 e 29.

Para o Questionário Sentimento de Solidão, consideramos verdadeiras as questões 2 - 7 - 11 - 21 - 26 - 30 - 33 - 37 - 41 - 42 - 43 - 46 - 50 - 52.

IV.2.2 Fórmula Binomial para o Grupo 2 - Fatec = 143 sujeitos

Da mesma forma:

$$H_0: p = 0,5$$

$$H_1: p \neq 0,5$$

Assim sob H_0 , temos que o número médio de respostas verdadeiras e o desvio padrão serão:

$$\mu = np = 71,5$$

$$\delta = \sqrt{np(1-p)} \cong 6$$

$$P(X \leq x) = 0,05$$

$$P(Z \leq \frac{X + 0,5 - 71,5}{6}) = 0,05 \Rightarrow P(Z \geq \frac{X + 0,5 - 71,5}{6}) = 0,95$$

$$P(Z \geq \frac{X + 0,5 - 71,5}{6}) = 0,95 \Rightarrow \frac{X + 0,5 - 71,5}{6} = 1,64$$

$$X = 71 + 6 \cdot 1,64 \Rightarrow X = 81$$

Grupo 2 (Fatec) - Se for maior ou igual a 81 respostas verdadeiras, podemos afirmar que a maioria é verdadeira ao nível de 5%.

Para o Questionário de Valores Psicossociais, consideramos verdadeiras as questões 1 - 2 - 6 - 12 - 18 - 27 - 28 - 29 e 33.

Para o Questionário Sentimento de Solidão, consideramos verdadeiras as questões 2 - 7 - 9 - 11 - 17 - 21 - 22 - 24 - 29 - 30 - 33 - 36 - 37 - 41 - 42 - 43 - 44 - 45 - 50 - 51 e 52.

IV.2.3 Fórmula Binomial para o Grupo 3 - Técnico = 108 sujeitos

$$\mu = np$$

$$\mu = 108 \cdot 0,5 = 54$$

$$\delta = \sqrt{np(1-p)} \qquad \delta = \sqrt{54 \cdot 0,5} = 5,2$$

$$P(Z \leq \frac{X + 0,5 - 54}{5,2}) = 0,05$$

$$P(Z \geq \frac{X + 0,5 - 54}{5,2}) = 0,95 \Rightarrow \frac{X + 53,5}{5,2} = 1,64$$

$$X = 53,5 + 8,328 \qquad \Rightarrow X = 62$$

Grupo 3 (Técnico) - Se for maior ou igual a 62 respostas verdadeiras, podemos afirmar que a maioria é verdadeira ao nível de significância de 5%.

Para o Questionário de Valores Psicossociais, consideramos verdadeiras as questões 2 - 6 - 12 - 18 - 27 e 29.

Para o Questionário Sentimento de Solidão, consideramos verdadeiras as questões 2 - 3 - 7 - 9 - 11 - 21 - 22 - 24 - 29 - 30 - 33 - 36 - 37 - 41 - 42 - 43 - 45 - 46 - 50 e 51.

Tabela 10 - Questões escolhidas através da aplicação da Fórmula Binomial para o Questionário de Valores Psicossociais nos 3 grupos de sujeitos.

Observando as questões de maior escolha, sendo que para o grupo 1 a escolha é Θ 39, para o grupo 2 Θ 81 e para o grupo 3 Θ 62.

Questões nº	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
1- Tenho estado tenso(a) ou irritado(a) ultimamente	x	-	-
2- Sempre fui bem tratado por meus pais	x	x	x
6- Meus amigos respeitam o que falo	-	x	x
7- Fico mal humorado(a), impaciente com pequenos aborrecimentos	x	-	-
12- Eu detesto fracassar em qualquer coisa	-	x	x
15- Fico cansado(a) com mais facilidade do que costumava ficar	x	-	-
18- Nas decisões importantes tento consultar uma pessoa mais experiente	-	x	x
27- Sou crítico(a) em relação a mim devido a minhas fraquezas ou meus erros	-	x	x
28- Preocupo-me bastante com o que as pessoas sentem a meu respeito	-	x	-
29- Para mim é importante ser bem sucedido(a) em tudo o que faço	x	x	x
34- Evito fazer coisas que não faço bem	-	x	-

Analisando por categorias, observamos que a questão 2 e 29 foram as mais respondidas pelos 3 grupos e pertencem às Categoria A (Relacionamentos familiares/infância) e C (Trabalho ou estudos).

Tabela 11 - Questões escolhidas através do resultado da aplicação de Fórmula Binomial para o Questionário Sentimento de Solidão nos 3 grupos de sujeitos.

Observando as questões de maior escolha, sendo que para o grupo 1 a escolha é Θ 39, para o grupo 2 Θ 81, e para o grupo 3 Θ 62.

Questões nº	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
2- O sentimento de solidão refere-se ao sentimento de estar só, independente de circunstâncias externas.	x	x	x
3- Não se sente solitário mesmo quando está entre amigos ou recebendo amor	-	-	x
7- A solidão pode originar-se da convicção de que não há pessoa ou grupo a que se pertença	x	x	x
9- A sensação de estar rodeado de um mundo hostil, aumenta a ansiedade e influencia o sentimento de solidão	-	x	x
11- Ansiar se capaz de estabelecer relações com as pessoas e não conseguir influencia a solidão	x	x	x
17- Com relação ao lar e a mãe, não se sente solitário	-	x	-
21- Influências internas e externas contribuem para o aparecimento da solidão	x	x	x
22- A interação revela um aumento ou diminuição da solidão	-	x	x
24- O sentimento de solidão pode desaparecer no ser humano	-	x	x
26- A solidão faz parte de uma doença ou de transtorno de personalidade	x	-	-
29- A insegurança é uma das raízes da solidão	-	x	x
30- A ansiedade é um elemento de solidão	x	x	x
33- Há diferenças individuais consideráveis na maneira pela qual se experimenta solidão	x	x	x
36- Aumentar a capacidade para relacionamentos ajuda a combater a sensação de solidão	-	x	x
37- A sensação de liberdade é um meio de contrabalançar a solidão	x	x	x
41- O alívio do ressentimento pelas frustrações passadas diminui a solidão	x	x	x

42- Conseguir aceitar e dar, contrabalança a solidão	x	x	x
43- O sentimento de generosidade contrabalança o de solidão	x	x	x
44- O sentimento de solidão não pode ser utilizado como defesa	-	x	-
45- A necessidade de proximidade com pessoas amadas faz contrabalançar a solidão	-	x	x
46- A negação da solidão interfere nas relações	x	-	x
50- Você acredita que uma pessoa possa ficar viciada/dependente do computador, como se fosse uma substância indutora de dependências	x	x	x
51- Uma pessoa pode usar o computador para superar a solidão imposta pelo clima da guerra civil urbana nas grandes cidades	-	x	x
52- O uso do computador facilita a vida moderna: relacionar-se com pessoas confiáveis, fazer novos amigos, escolher candidatos para namoro/ rolo/ ficar/ amizade colorida/ casar/ selecionar companheiro (a) de forma criteriosa	x	x	-

Observou-se que nas questões 1 - 7 - 11 - 21 - 31 - 33 - 37 - 41 - 42 - 43 e 50 os 3 grupos de sujeitos tiveram respostas Σ ao resultado da Fórmula Binomial, aplicada nos 3 grupos.

IV.3 Análise de Itens

Tabela 12 - Valor de Discriminação de item para os 3 grupos (V/N \rightarrow F) para o Questionário de Valores Psicossociais.

O valor para discriminação vai de 0,4 a 0,6.

Questões	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
10- Sinto uma insatisfação como se alguma coisa estivesse errada ou faltando	0,58	0,54	0,56

22- Frequentemente preocupo-me em saber o quanto as pessoas me aprovam e me aceitam	0,58	0,43	0,44
28- Preocupo-me bastante com o que as pessoas sentem a meu respeito	0,44	0,57	0,56

Ho: proporções iguais (não existem associações).

H1: existem associações

Tabela 13 - Valor de Discriminação de item para os 3 grupos (V/N → F) para o Questionário Sentimento de Solidão.

O valor para discriminação vai de 0,4 a 0,6.

Questões	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
1- O sentimento de solidão não tem a ver com a privação de companhia externa	0,51	0,43	0,55
3- Não se sente solitário mesmo quando está entre amigos ou recebendo amor	0,55	0,54	0,59
4- O estado de solidão intensa resulta do anseio de um estado interno perfeito, inatingível	0,56	0,54	0,56
6- Novas emoções, fantasias e ansiedades não são possíveis e isto perdura como fator importante na solidão	0,41	0,44	0,44
15- O sentimento de solidão nunca desaparece inteiramente	0,41	0,46	0,56
25- Não se sente só, independente de condições internas	0,60	0,42	0,42
44- O sentimento de solidão não pode ser utilizado como defesa	0,56	0,60	0,53

IV.4 Análise das Questões através do Teste Qui-Quadrado

Tabela 14 - Teste de Qui-Quadrado do Questionário de Valores Psicossociais.

Utilizou-se o Teste Qui-Quadrado para verificar independência, se existe associação entre as respostas e os grupos de sujeitos pesquisados.

Questões	Coefficiente de contingência	χ^2_0	d.f.	p.	Conclusão (p P0,05)
1- Tenho estado tenso(a) ou irritado(a) ultimamente	0,23	18,52	2	0,000	significante
3- Sinto-me inseguro(a) quanto às responsabilidades do meu trabalho (ou estudo)	0,13	6,13	2	0,047	significante
4- Adio muitas decisões mais do que costumava fazer	0,16	8,41	2	0,015	significante
5- Sinto-me pouco aceito(a) pelas pessoas com que trabalho (ou estudo)	0,33	40,20	2	0,000	significante
6- Meus amigos sempre respeitam o que falo	0,24	20,67	2	0,000	significante
7- Fico mal humorado(a), impaciente com pequenos aborrecimentos	0,16	8,32	2	0,016	significante
9- Sinto-me infeliz quando tenho muitas ocupações	0,27	26,42	2	0,000	significante
11- Eu aprecio o respeito dos outros mas não preciso dele	0,19	12,02	2	0,003	significante
12- Eu detesto fracassar em qualquer coisa	0,31	34,63	2	0,000	significante
13- Quando criança tinha muitos medos	0,15	7,50	2	0,024	significante
14- Sinto pouco entusiasmo para realizar meu trabalho (ou estudo)	0,18	11,63	2	0,003	significante
15- Fico cansado(a) com mais facilidade do que costumava ficar	0,16	8,45	2	0,015	significante
16- Pareço triste ou infeliz a maior parte do tempo	0,15	8,15	2	0,017	significante

17- tive dificuldade na minha vida familiar quando criança	0,20	14,22	2	0,001	significante
18- Nas decisões importantes tento consultar uma pessoa mais experiente	0,15	8,08	2	0,018	significante
20- Evito enfrentar meus problemas	0,16	8,27	2	0,016	significante
23- Sinto-me incapaz de influenciar decisões que me afetam	0,27	25,87	2	0,000	significante
26- É difícil melhorar meu estado de ânimo	0,16	8,33	2	0,016	significante
31- Recebia pouco carinho na minha infância	0,28	27,76	2	0,000	significante
32- Vejo pouco significado em meu trabalho (ou estudo)	0,17	10,29	2	0,006	significante
33- Estou pessimista sobre as oportunidades de progresso ou crescimento	0,21	15,20	2	0,001	significante

Nas questões da tabela acima existe uma associação entre as respostas, ou seja, o padrão de respostas muda em função dos grupos.

Tabela 15 - Teste de Qui-Quadrado do Questionário Sentimento de Solidão.

Utilizou-se o Teste Qui-Quadrado para verificar independência, se existe associação entre as repostas e os grupos de sujeitos pesquisados.

Questões	Coeficiente de contingência	χ^2_0	d.f.	p.	Conclusão (p P0,005)
8- Não há diferenças	0,17	10,32	2	0,006	significante

individuais na maneira pela qual se experimenta a solidão					
9- A sensação de estar rodeado de um mundo hostil aumenta a ansiedade e influencia o sentimento de solidão	0,20	13,31	2	0,001	significante
10- A confusão mental não contribui para a solidão	0,14	7,09	2	0,029	significante
16- Não consegue superar seu sentimento de solidão	0,28	28,12	2	0,000	significante
17- Com relação ao lar e à mãe, não se sente solitário	0,28	26,95	2	0,000	significante
18- Sente-se dependente de alguém como um modelo de dependência contra a solidão	0,20	13,81	2	0,001	significante
21- Influências internas e externas contribuem para o aparecimento da solidão	0,16	8,98	2	0,011	significante
23- As influências externas não diminuem a solidão	0,20	14,23	2	0,001	significante
25- Não se sente só, independente de condições internas	0,14	6,55	2	0,038	significante
26- A solidão faz parte de uma doença ou de transtorno de personalidade	0,20	13,92	2	0,001	significante
28- O Sentimento de Solidão não se origina da sensação de uma perda irreparável	0,18	11,11	2	0,004	significante
29- A insegurança é uma das raízes da solidão	0,22	17,28	2	0,000	significante
30- A ansiedade é um elemento de solidão	0,19	12,31	2	0,002	significante
31- A dificuldade de integração não o faz sentir-se solitário	0,16	8,21	2	0,017	significante
35- Sentimentos de infelicidades e culpa não conduzem a solidão	0,23	18,78	2	0,000	significante
36- Aumentar a capacidade para relacionamentos ajuda a combater a sensação de solidão	0,26	23,49	2	0,000	significante
39- Impulsos distintos como	0,15	7,49	2	0,024	significante

agressão e ódio não constituem solidão					
43- O sentimento de generosidade contrabalança o de solidão	0,14	6,78	2	0,034	significante
45- A necessidade de proximidade com pessoas amadas faz contrabalançar a solidão	0,22	16,54	2	0,000	significante
46- A negação da solidão interfere nas relações	0,15	7,06	2	0,030	significante
48- Sente-se solitário mesmo quando não sabe que é amado pelas pessoas	0,15	7,63	2	0,022	significante
51- Uma pessoa pode usar o computador para superar a solidão imposta pelo clima de guerra civil urbana nas grandes cidades	0,14	7,07	2	0,029	significante
52- O uso do computador facilita a vida moderna: relacionar com pessoas confiáveis, fazer novos amigos, escolher candidatos para namoro/ rolo/ ficar/ amizade colorida/ casar/ selecionar companheiro (a) de forma criteriosa	0,15	6,74	2	0,035	significante

IV.5 Análise de Correlação de Postos

Foi utilizado o software SPSS for Windows versão 7,51 para análise dos dados estatísticos.

Com o objetivo de verificar a associação entre o padrão de respostas do Questionário de Valores Psicossociais e do Questionário Sentimento de solidão utilizamos o Coeficiente de Correlação por Postos de Spearman. (Seagal, 1996).

Tabela 16 - Correlação de postos das respostas ao Questionário de Valores Psicossociais entre os três grupos (Técnico = X, Não-Fatec = Y e Técnico = Z).

	X: Técnico	Y: Não-Fatec	Z: Fatec
X: Técnico	-	0,555	0,918
Y: Não-Fatec	-	-	0,549
Z: Fatec	-	-	-

Todas as correlações foram significativas a 0,01 ou 1%

Tabela 17 - Correlação de postos das respostas do Questionário Sentimento de Solidão entre os 3 grupos (Técnico = X, Não-Fatec = Y e Fatec = Z).

	X = Técnico	Y = Não-Fatec	Z = Fatec
X = Técnico	-	0,690	0,904
Y = Não-Fatec	-	-	0,655
Z = Fatec	-	-	-

Todas as correlações foram significativas a 0,01 ou 1%.

Utilizou-se o nível de significância $\alpha = 0,05$ para aceitação ou rejeição do teste de hipótese. Nos testes de hipótese foram utilizados os testes “t” de Student para diferenças de porcentagens e diferenças de médias. Com o objetivo de evitar a observação sobre dados estatisticamente não significantes e/ou não correlacionáveis, optou-se por apresentar apenas os resultados significantes e/ou correlacionáveis.

Tabela 18 - Questões verdadeiras Questionário de Valores Psicossociais (36 questões).

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Quantidade	5	8	6
Percentual	13,89%	22,22%	16,67%

Grupo 1 Π Grupo 3 Π Grupo 2; resultados mais próximos.

Tabela 19 - Questões verdadeiras Questionário Sentimento de Solidão (62 questões)

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Quantidade	13	20	19
Percentual	25,00%	38,46%	36,54%

Grupo 1 Π Grupo 3 Π Grupo 2.

O grupo 1 é bem diferente do grupo 2 e do grupo 3, pois a associação entre o padrão de respostas dos grupos é identificado pelo coeficiente de correlação de postos de Spearman.

Tabela 20 - Questões do Questionário de Valores Psicossociais, analisadas através da Fórmula Binomial, da Análise de itens e do teste Qui-Quadrado

Questões	Binomial			Análise Itens (Valor de Discriminação)			Teste Qui-Quadrado			
	G. 1	G. 2	G. 3	G. 1	G. 2	G. 3	Coefficiente de contingência	X^2_0	d.f.	p.
1	X	X					0,23	18,52	2	0,000
2	X		X				-	-	-	-
3							0,13	6,13	2	0,047
4							0,16	8,41	2	0,015
5							0,33	40,20	2	0,000
6	X		X				0,24	20,67	2	0,000
7	X						0,16	8,32	2	0,016
9							0,27	26,42	2	0,000
10				0,58	0,54	0,56	-	-	-	-
11							0,19	12,02	2	0,003
12		X	X				0,31	34,63	2	0,000
13							0,15	7,50	2	0,024
14							0,18	11,63	2	0,003
15	X						0,16	8,45	2	0,015
16							0,15	8,15	2	0,017
17							0,20	14,22	2	0,001
18		X	X				0,15	8,08	2	0,018
20							0,16	8,27	2	0,016
22				0,58	0,43	0,44	-	-	-	-
23							0,27	25,87	2	0,000
26							0,16	8,33	2	0,016
27		X	X				-	-	-	-
28		X		0,44	0,57	0,56	-	-	-	-
29	X	X	X				-	-	-	-
31							0,28	27,76	2	0,000
32							0,17	10,29	2	0,006
33		X					0,21	15,20	2	0,001

Tabela 21 - Questões do Questionário Sentimento de Solidão, analisadas através da Fórmula Binomial, da Análise de itens e do teste Qui-Quadrado

Questões	Binomial			Análise Itens (Valor de Discriminação)			Teste Qui-Quadrado			
	G. 1	G. 2	G. 3	G. 1	G. 2	G. 3	Coefficiente de contingência	X^2_0	d.f.	p.
1				0,51	0,43	0,55				
2	X	X	X							
3			X	0,55	0,54	0,59				
4				0,56	0,54	0,56				
6				0,41	0,44	0,44				
7	X	X	X							
8							0,17	10,32	2	0,006
9		X	X				0,20	13,31	2	0,001
10							0,14	7,09	2	0,029
11	X	X	X							
15				0,41	0,46	0,56				
16							0,28	28,12	2	0,000
17							0,28	26,95	2	0,000
18							0,20	13,91	2	0,001
21	X	X	X				0,16	8,90	2	0,011
22		X	X							
23							0,20	14,23	2	0,001
24		X	X							
25				0,60	0,42	0,42	0,14	6,55	2	0,038
26	X						0,20	13,92	2	0,001
28							0,18	11,11	2	0,004
29		X	X				0,22	17,28	2	0,000
30	X	X	X				0,19	12,31	2	0,002
31							0,16	8,21	2	0,017
33	X	X	X							
35							0,23	18,78	2	0,000
36		X	X				0,26	23,49	2	0,000
37	X	X	X							
39							0,15	7,49	2	0,024
41	X	X	X							
42	X	X	X							
43	X	X	X				0,14	6,78	2	0,034
44		X		0,56	0,60	0,53				
45		X	X				0,22	16,54	2	0,000
46	X		X				0,15	7,06	2	0,030
48							0,15	7,63	2	0,022
50	X	X	X							
51		X	X				0,14	7,07	2	0,029
52	X	X					0,15	6,74	2	0,035

IV.6 Análise comparativa sobre o número de horas acessando a *internet*.

Nesta análise, temos dois grupos que acessam a *Internet*, Fatec e Não-Fatec. O interesse foi verificar se existe diferença para os grupos quanto ao número médio de horas acessadas. O teste mais apropriado neste caso é o teste t-student para amostras independentes. Aqui, além de considerarmos que os dados (tempos de acesso) sejam distribuídos de forma normal, estamos considerando igualdade para as variâncias amostrais (Magalhães, 2000).

Foi questionado o tempo de acesso em três períodos, Ontem, Semanal e Mensal e para três situações que denotamos com geral, a trabalho e a lazer. Também foi perguntado quanto tempo acessam sem se aborrecer.

Abaixo apresentamos os resultados descritivos de cada comparação, o intervalo de confiança de 95% para a diferença entre as médias de tempo e o teste t propriamente dito, em que utilizamos um nível de significância de 5%.

IV.6.1 Situação: Geral

Comparação Fatec X Não Fatec:

Período: Ontem

Estatística Descritiva.

	N	Média	Desvio	Desvio Médio
Fatec	105	2.16	2.07	0.20

Não Fatec 50 2.86 3.08 0.44

$F_1 - NF = 0$

Ho: não existem diferenças

$\mu_F = \mu_{NF}$

H₁: existem diferenças

$\mu_F \neq \mu_{NF}$

Intervalo de Confiança de 95% para (Tempo médio Fatec – Tempo médio Não Fatec)

95% C.I. for $\mu_{Fonten1} - \mu_{NFont1}$: (-1.53, 0.13)

Teste t-Student

T-Test $\mu_{Fonten1} = \mu_{NFont1}$ (vs not =): T= -1.67 **P=0.097** DF= 153

Both use Pooled StDev = 2.44

Conclusão: Como $P=0.097 > 0.05$, não rejeitamos a hipótese nula, ou seja, não podemos afirmar que existe diferença entre o número médio de tempo de acesso a *internet* para os dois grupos.

Comparação Fatec X Não Fatec:

Período: Semanal

Estatística Descritiva

	N	Mean	StDev	SE Mean
Fsemana1	131	10.2	11.8	1.0
NFsem1	52	12.1	15.3	2.1

95% C.I. for μ Fsemana1 - μ NFsem1: (-6.0, 2.4)

T-Test μ Fsemana1 = μ NFsem1 (vs not =): T= -0.86 **P=0.39** DF= 181

Both use Pooled StDev = 12.9

Conclusão: Como $P=0.39 > 0.05$, não rejeitamos a hipótese nula, ou seja, não podemos afirmar que existe diferença entre o número médio de tempo de acesso a *internet* para os dois grupos.

Comparação Fatec X Não Fatec:

Período: Mensal

Estatística Descritiva

	N	Mean	StDev	SE Mean
Fmes1	133	28.8	27.6	2.4
NFmes1	51	29.9	34.0	4.8

95% C.I. for μ Fmes1 - μ NFmes1: (-10.7, 8.5)

T-Test μ Fmes1 = μ NFmes1 (vs not =): T= -0.22 **P=0.82** DF= 182

Both use Pooled StDev = 29.5

Conclusão: Como $P=0.82 > 0.05$, não rejeitamos a hipótese nula, ou seja, não podemos afirmar que existe diferença entre o número médio de tempo de acesso a *internet* para os dois grupos.

IV.6.2 Situação: Trabalho

Comparação Fatec X Não Fatec:

Período: Ontem

Estatística Descritiva

	N	Mean	StDev	SE Mean
Fonten2	88	1.80	4.44	0.47
NFont2	29	3.83	4.13	0.77

95% C.I. for μ Fonten2 - μ NFont2: (-3.89, -0.18)

T-Test μ Fonten2 = μ NFont2 (vs not =): T= -2.17 P=0.032 DF= 115

Both use Pooled StDev = 4.37

Conclusão: Como $P=0.032 < 0.05$, rejeitamos a hipótese nula ao nível de significância de 5%, ou seja, podemos afirmar a este nível que existe diferença entre o número médio de acesso para os dois grupos e, ainda, que o grupo Não Fatec acessa um maior tempo.

Comparação Fatec X Não Fatec:

Período: Semanal

Estatística Descritiva

	N	Mean	StDev	SE Mean
Fsemana2	108	6.44	8.83	0.85
NFsem2	37	11.9	16.9	2.8

95% C.I. for μ Fsemana2 - μ NFsem2: (-9.75, -1.1)

T-Test μ Fsemana2 = μ NFsem2 (vs not =): T= -2.50 P=0.013 DF= 143

Both use Pooled StDev = 11.4

Conclusão: Como $P=0.013 < 0.05$, rejeitamos a hipótese nula ao nível de significância de 5%, ou seja, podemos afirmar a este nível que existe diferença entre o número médio de acesso para os dois grupos e, ainda, que o grupo Não Fatec acessa um maior tempo.

Comparação Fatec X Não Fatec:

Período: Mensal

Estatística Descritiva

	N	Mean	StDev	SE Mean
Fmes2	112	19.2	26.3	2.5
NFmes2	39	18.9	29.3	4.7

95% C.I. for μ Fmes2 - μ NFmes2: (-9.7, 10.2)

T-Test μ Fmes2 = μ NFmes2 (vs not =): T= 0.05 P=0.96 DF= 149

Both use Pooled StDev = 27.1

Conclusão: Como $P=0.96 > 0.05$, não rejeitamos a hipótese nula, ou seja, não podemos afirmar que existe diferença entre o número médio de tempo de acesso a *internet* para os dois grupos.

IV.6.3 Situação: Lazer

Comparação Fatec X Não Fatec:

Período: Ontem

Estatística Descritiva

	N	Mean	StDev	SE Mean
Fonten3	101	1.45	1.58	0.16
NFont3	47	2.21	2.77	0.40

95% C.I. for μ Fonten3 - μ NFont3: (-1.48, -0.06)

T-Test μ Fonten3 = μ NFont3 (vs not =): T= -2.13 P=0.034 DF= 146

Both use Pooled StDev = 2.04

Conclusão: Como $P=0.034 < 0.05$, rejeitamos a hipótese nula ao nível de significância de 5%, ou seja, podemos afirmar a este nível que existe diferença entre o número médio de acesso para os dois grupos e, ainda, que o grupo Não Fatec acessa um maior tempo.

Comparação Fatec X Não Fatec:

Período: Semanal

Estatística Descritiva

	N	Mean	StDev	SE Mean
Fsemana3	120	6.61	9.64	0.88
NFsem3	49	9.0	11.6	1.7

95% C.I. for μ Fsemana3 - μ NFsem3: (-5.80, 1.1)

T-Test μ Fsemana3 = μ NFsem3 (vs not =): T= -1.37 P=0.17 DF= 167

Both use Pooled StDev = 10.2

Conclusão: Como $P=0.17 > 0.05$, não rejeitamos a hipótese nula, ou seja, não podemos afirmar que existe diferença entre o número médio de tempo de acesso a *internet* para os dois grupos.

Comparação Fatec X Não Fatec:

Período: Mensal

Estatística Descritiva

	N	Mean	StDev	SE Mean
Fmes3	127	18.4	20.9	1.9
NFmes3	49	21.1	28.4	4.1

95% C.I. for μ Fmes3 - μ NFmes3: (-10.4, 5.1)

T-Test μ Fmes3 = μ NFmes3 (vs not =): T= -0.68 P=0.50 DF= 174

Both use Pooled StDev = 23.2

Conclusão: Como $P=0.50 > 0.05$, não rejeitamos a hipótese nula, ou seja, não podemos afirmar que existe diferença entre o número médio de tempo de acesso a *internet* para os dois grupos.

Abaixo testamos da mesma forma, se o tempo médio de aborrecimento para os dois grupos é igual.

Tempo Médio de Aborrecimento

Estatística Descritiva

	N	Mean	StDev	SE Mean
Fatec	134	4.06	4.13	0.36
Não Fatec	57	10.2	20.2	2.7

95% C.I. for μ abor1 - μ arrer2: (-9.73, -2.5)

T-Test μ abor1 = μ arrer2 (vs not =): T= -3.37 P=0.0009 DF= 189

Both use Pooled StDev = 11.5

Conclusão: Como $P=0.0009 < 0.05$, rejeitamos a hipótese nula, ou seja, podemos afirmar, ao nível de significância de 5%, que existe diferença entre o tempo médio de aborrecimento e que o grupo Não Fatec se aborrece depois de um tempo maior de acesso a *internet*, ou seja, em média os usuários Não Fatec ficam mais tempo na *internet* sem se aborrecer.

V - Discussão

Neste estudo, a análise das repostas que os sujeitos deram aos instrumentos utilizados (questionários) para coleta de dados permitiu ampliar o conhecimento do comportamento dos usuários da *Internet* frente ao sentimento de solidão.

Nosso objetivo foi investigar o sentimento de solidão em usuários *Internet* e correlacionar essa variável psicológica com valores psicossociais desses usuários, bem como verificar qual é o tempo de uso da *Internet* em relação ao tempo diário do usuário e estabelecer correlações.

A pesquisa limitou-se a investigar o sentimento de solidão em usuários da *Internet* nos 3 grupos observados, não se sabendo se os resultados aqui apresentados poderão ou não ser generalizados para outros usuários.

Sabemos que ocorrem diferenças entre outros grupos de usuários da *Internet* que são de diferentes localidades, níveis sociais, culturais e profissionais, mas reconhecemos que os usuários da *Internet* apresentam alguns comportamentos que se assemelharam e se consideram participantes dessa grande família da *Internet* (Porto, 1999).

A partir dos 316 questionários respondidos, instrumentos da pesquisa, fizemos uma análise descritiva dos resultados. Estimando as respostas dos sujeitos nos três grupos podemos afirmar a importância de conhecer o comportamento em usuários da *Internet*, pois reconhecemos novas formas de interação com a tecnologia.

Os dados colhidos nas respostas dos sujeitos permitiram investigar e analisar as questões significantes do questionário de Valores Psicossociais e do questionário Sentimento de solidão e observamos as questões que apresentam correlações.

Baseados nas correlações apresentadas, analisamos que as questões de número 3 - 12 e 20 do primeiro questionário se correlacionam com a questão de número 29 do segundo questionário. Essas questões comentam sobre insegurança, fracasso e problemas frente ao trabalho (ou estudo), onde a insegurança é uma das raízes da

solidão. Conforme Kiley (1992) a solidão envolve questões psicológicas e traz depressão, irritabilidade e ansiedade.

As questões de número 4 - 18 e 23 do primeiro questionário correlacionam-se com a questão de número 18 do segundo questionário. As questões relatam sobre atitudes frente a tomadas de decisões, dependências em pessoas onde essa dependência seria um modelo em relação à solidão. Winnicott (1969) comentou sobre dois tipos de pessoas que em parques de diversões ou se aventuravam em brinquedos perigosos ou permaneciam apenas observando-os, apegados a mães ou namoradas, sem coragem de se aventurar nesses brinquedos. Para o autor essa dependência exagerada daria início aos estados fóbicos e patológicos ligados à dependência no outro, e isso acentua a própria solidão.

As questões de número 5 e 6 do primeiro questionário se correlacionam com as questões de número 31 - 36 e 48 do segundo questionário. Essas questões esclarecem sobre a aceitação dos sujeitos pelas pessoas, onde o aumento da capacidade para relacionamentos, a facilidade de integração entre as pessoas faz com que se combata a solidão. Michel Mafessoli, apud Porto (1999), afirma que o século XX apresentou uma produção cultural onde mostra o ser humano como um ser relacional, interagindo com seu meio. É notório dizer que quanto maior a capacidade das pessoas se relacionarem, menor será a individualidade, e isso combate a solidão. Os relacionamentos humanos envolvem comunicações. Freud (1930) coloca que quando os relacionamentos humanos trouxerem sofrimento, a defesa mais imediata é o isolamento, manter distâncias dos outros, ficar quieto, contrapondo o combate à solidão.

As questões de número 9 - 16 e 33 do primeiro questionário, se correlacionam com questões de número 16 - 35 e 39 do segundo questionário. Elas descrevem que estar triste, infeliz, pessimista, não interfere no sentimento de solidão; contudo o alívio

do ressentimento pelas frustrações, a própria aceitação das limitações, o sentimento de compreensão, diminui a solidão (Klein, 1963).

As questões de número 13 - 17 e 31 se correlacionam com a questão de número 17 do segundo questionário. Essas questões observam que medos, falta de carinho, e dificuldades infantis, não são produtores de solidão. Klein (1963) afirma que o sentimento de solidão nasce de ansiedades paranóides depressivas que não são totalmente vencidas no decorrer da vida pelas pessoas, e quando criança elas apresentam extrema dependência da mãe; essa dependência é usada como defesa da solidão. A autora observou na análise de um paciente que quando ocorria a ligação dele com os sentimentos em relação à mãe (que ele tinha como objeto morto), aumentava a sua solidão.

As questões de número 14 - 15 e 32 se correlacionam com as questões de número 21 - 23 e 25 do segundo questionário. Essas questões comentam sobre o cansaço, falta de entusiasmo, pouco interesse no trabalho (ou estudo), onde influências internas e externas contribuem para o aparecimento da solidão, e não a diminuem. Toffler (1980) afirma que a própria mudança que o mundo vem enfrentando esta espalhando a dor do isolamento, o medo que as pessoas têm dos computadores, das novas tecnologias, que podem, segundo o autor, afastar as pessoas do contato direto com os outros, podem leva-los à solidão. Klein (1963) assegura que a interação dos fatores externa e interna revela importância sobre o aumento ou diminuição da solidão.

Admitimos que as ciências humanas apresentam papel de investigadora dos impactos que as mudanças tecnológicas produzem nos seres humanos, mas não devemos culpabilizar essas novas tecnologias pelos comportamentos impróprios das pessoas, e sim reconhecer que através da *Internet*, podemos vivenciar relações sociáveis, descobrindo interações intensas. Maiorino (2000) comenta que o computador

não tem dispositivos para viciar as pessoas, nem mesmo para deixar as pessoas solitárias. Mas são as próprias relações desordenadas das pessoas com o mundo que as deixam doente. Não são as máquinas, e sim os vínculos que os usuários estabelecem com elas e com as pessoas.

Parece que a *Internet* favorece o aperfeiçoamento da comunicação, com contatos mais rápidos e vínculos relacionais menos profundos com as pessoas (Capovilla, 1997). Entretanto, pelos dados da pesquisa isso depende muito do comportamento do usuário da *Internet*, de como ele se utiliza de mais essa ferramenta tecnológica.

A *Internet* como um novo meio de comunicação, talvez hoje represente o espaço simbólico da maior convivência dos incluídos (da tecnologia), daqueles que usufruem do superfulo. Pois, a própria tecnologia vem acentuando uma exclusão social em que a grande maioria da população mundial, está fora desse processo; pois, os servidores são pagos, os computadores caros, como cita Porto (1999). No Brasil as pessoas são excluídas até de informações, quanto mais de aparelhagens tecnológicas. A pesquisa mostrou o relevante índice de classe social A no grupo 1 (Não-Fatec).

Como vimos em alguns autores (Kiley, 1992; Quinodoz, 1991; Pinheiro & Tamayo, 1997) a solidão tem sido um problema real, que pode ser vivenciada de forma negativa e de forma positiva.

Melanie Klein (1963) levantou vários fatores em que a solidão pode ser abrandada. Entre eles, o alívio do ressentimento pelas frustrações e aceitação das próprias limitações, o prazer e o sentimento de compreensão e ser compreendido, o desejo pela independência como parte do amadurecimento emocional. Fatores estes que podemos observar nas análises de respostas verdadeiras nos questionário da pesquisa.

No que diz respeito à solidão, Winnicott (1979), afirmou que mesmo a pessoa num confinamento solitário não é capaz de ficar só, pois muitas pessoas valorizam a solidão de uma forma muito preciosa.

Tanto Klein (1963) como Winnicott (1979) apresentam um ponto em comum, em que o sentimento de solidão ou a capacidade de estar só, são independentes de condições externas ou quando alguém está presente.

A solidão ocorre num momento de fragmentação, muitas vezes produzindo uma carga negativa de sofrimentos que levam os indivíduos a procurar apoio em atendimentos de Psicologia da Saúde, ou buscarem companhia na própria *Internet*. As pessoas têm vivido o individualismo, estão mais narcisistas, indiferente aos outros e mais preocupadas com o conforto que as novas tecnologias poderão dar.

É interessante concluir que, mesmo frente a restrições impostas pelo delineamento da pesquisa, a análise das respostas evidenciou questões importantes do comportamento do usuário da *Internet* e do sentimento de solidão. Por outro lado, oferece dados para, de modo mais pertinente, continuar estudos sobre o comportamento de “adição” à tecnologia como forma de fugir de conflitos eminentemente relacionais.

VI - Considerações finais e conclusões

A realização deste estudo trouxe, além de conclusões, a convicção de que profundas e novas pesquisas são necessárias e oportunas em relação ao tema tão contemporâneo.

Mesmo diante de restrições metodológicas ao delineamento utilizado neste estudo, pode-se apontar aspectos importantes voltados ao sentimento de solidão e a *Internet*. Pensamos ter conseguido dar nossa parcela de colaboração na realização desse estudo, embora observamos que o tema é muito complexo e importante para a sociedade, merecendo ser continuamente estudado.

Verificar os dados dos instrumentos utilizados no estudo, constituiu-se num trabalho árduo, em função do número de sujeitos, mesmo tendo o computador como auxiliar nessa tarefa de verificação. Embora seja essencial colocar que foi uma tarefa prazerosa, estar em contato com todo o estudo.

Tivemos a oportunidade de constatar que as respostas dadas pelos sujeitos dos três grupos estudados possibilitaram investigar quais grupos apresentaram menor índice de sentimento de solidão, suas correlações e o tempo de uso da *Internet*.

Considerando o padrão de respostas verdadeiras do questionário Sentimento de solidão, o grupo 1 (Não-Fatec) apresentou um índice de solidão menor que o grupo 2 (Fatec) e o grupo 3 (Técnico).

Na análise de correlação por postos, observou-se uma forte relação entre o grupo 2 (Fatec) e o grupo 3 (Técnico). Os dois grupos apresentaram padrões de respostas comuns, incluindo semelhanças no perfil social, onde verifica-se haver um significativo número de estudantes, bem como melhor distribuição nas classes sociais A, B e C.

Quanto ao uso da *Internet*, na análise comparativa sobre o número de horas acessando-a, estatisticamente comprovou-se ser mais confiável os dados obtidos no

período Ontem, com respostas mais coerentes do que as respostas obtidas nos períodos Semanal e Mensal.

O grupo 1 (Não-Fatec) utilizou mais tempo a *Internet* no Trabalho e no Lazer; também permaneceu mais tempo na *Internet* sem se aborrecer.

O ponto de destaque deste estudo, para esses três grupos de sujeitos foi verificar através das análises feitas, que o grupo 1 (Não-Fatec) apresenta menores padrões de repostas afirmativas nos dois questionários e maior uso da *Internet*, onde se observa que o perfil sócio-econômico do grupo 1 (Não-Fatec) é diferente dos outros dois grupos, pois apresenta um número significativo de sujeitos na classe A. Porém ocorre que nos três grupos estudados existem sujeitos com alto índice de Sentimento de solidão e pessoas que utilizam muito a *Internet*.

Sugestões para pesquisas futuras seriam no sentido de estudar em cada grupo padrões de repostas individuais, pois poderíamos encontrar os sujeitos com altos níveis de sentimento de solidão e os viciados na *Internet*.

A pesquisadora conclui pela importância de estudar o comportamento em usuários da *Internet*, no sentido de compreender melhor as influências que englobam a informática e a sociedade.

Acredita-se que a busca de novos conhecimentos e uma maior compreensão do assunto favorecerá cada vez mais a interação das pessoas com o computador e norteará os relacionamentos e as relações ser humano - tecnologia, revelando preconceitos existentes nessa área.

VII - Referências Bibliográficas

- Alves–Mazzotti, A. J. & Gewandsznajder, F. (1999). *O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa*. 2 ed. São Paulo, S.P.: Pioneira.
- Balloni, G. J. (2001). Transtorno de Adicção a Internet e Transtorno de Ansiedade Social. In: PsicWeb (2001) disponível <http://sites.uol.com.br/gballoni/voce/internet.html>
- Barreta, D., Dantzler, D. & Kayson, W. (1995). Factors Related to Loneliness. *Psychological Reports*. 76 (3). 827-830.
- Barros, A. J. S. & Lehfeld, N. A. S. (1994). *Projeto de Pesquisa: Propostas Metodológicas*. 3 ed. Petrópolis, R.J.: Vozes (trabalho original publicado em 1988).
- Barros, A. J. S. & Lehfeld, N. A. S. (2000). *Fundamentos de Metodologia Científica*. Um guia para a indicação científica. 2 ed. São Paulo, S.P.: Makron Books (Original publicado em 1986).
- Bion, W.R. (1979). Como Tornar Proveitoso um Mau Negócio. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 13. 467-479.
- Bion, W.R. (1987). Turbulência Emocional. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 21.121-141.
- Bleger, J. (1991). *Temas de Psicologia. Entrevistas e Grupos*. (R. M. M. Moraes, trad.). 5 ed. São Paulo, S.P.: Martins Fontes (Original publicado em 1979).
- Bogomeletz, D. L. (1999). De Buber a Winnicott: uma visão benigna da sociedade ou para compreender a nova era. In: Catafesta, I. F. M. *Um Dia na Universidade dialogando com Winnicott, Klein e Lacan sobre a criança e o adolescente*. São Bernardo do Campo, S.P.: UMESP-USP

- Button, G., Coulter, J., Lee, J. R. R. & Shanokk, W. (1998). *Computadores, Mentes e Conduta*. (R. L. Ferreira. trad.). São Paulo, S.P.: UNESP Fundação (Original publicado em 1995).
- Camisão, C., Figueira, I., Nardi, A. E., Mendlowicz, M.; Andrade, Y., Marques, C., Coscarelli, P. & Versiani, M. (1994) O Sofrimento da Timidez. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. 43 (1) 340 - 343.
- Capovilla, F.C. (1997). Comunicação alternativa facilitadora para afasias: *história de pesquisa e aplicação*. *Ciência Cognitiva, Teoria, Pesquisa e Aplicação*. 1 (1). 29 - 80.
- Cardoso Filho, A. (1996). Prática analítica: lugar de solidão. *Revista de Psicologia*. 7/8. 153 - 158.
- Carelli, A. (1996). Concepção e, gestação e nascimento de um inventário de personalidade: inventário multitraços de interação social - IMS. *Mudanças - Psicoterapia e Estudos Psicossociais IMS*. IV (5/6). 11-15.
- Carelli, A. (1999). Inventário Multitraços de interação social: escala de masculinidade e feminilidade. UMESP. *Mudanças - Psicoterapia e Estudos Psicossociais*. VII (11). 215-228.
- Cervo, L. A. & Bervian, P. A. (1996). *Metodologia Científica*. 4 ed. São Paulo, S.P.: Makron Books (Original publicado em 1974).
- Charbonneau, P. E. (1984). *Crônica da Solidão*. São Paulo, S.P.: E.P.U..
- Feldman, M. & Spillius, E. B. (Ed.) (1992). *Equilíbrio Psíquico e Mudança Psíquica: artigos selecionados de Betty Joseph*. (B. H. Mandelbaum. trad.). Rio de Janeiro, R.J.: Imago (trabalho original publicado em 1989).

- Ferrari, A.M. (2000). *Telecomunicações – Evoluções & Revolução*. 5 ed. São Paulo, S.P.: Érica (Original publicado em 1998)
- Ferreira, A. B. H. (1980). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 ed. São Paulo, S.P.: Nova Fronteira.
- Freud, S. (1930). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad) (Vol XXI, pp. 75-171). Rio de Janeiro, R.J.: Imago, 1.974.
- Furlan, J.D. & Ivo, I.M. (1992). *Megatendências da Tecnologia da Informação*. São Paulo, S.P.: Makron Books do Brasil.
- Guimarães, L. A. M. et all (1998). *Revista de Psiquiatria Clínica*. Escalas de Avaliação Clínicas em Psiquiatria e Psicofarmacologia. Departamento e Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. 25 (5).
- Hinshelwood, R.D. (1992). *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. (J. O. A. Abreu. trad.). Porto Alegre, R.S.: Artes Médicas (Original publicado em 1991).
- Kanaane, R. (1994). *Comportamento Humano nas Organizações*. O Homem Rumo ao Século XXI. São Paulo, S.P.: Atlas.
- Katz, D. & Kahn, R. L. (1987). *Psicologia Social das Organizações*. (A. Simões. trad.) 3 ed. São Paulo, S.P.: Atlas (Original publicado em 1969).
- Kiley, D. (1992), *Vida a Dois, Vida Solitária - Como Curar sua Solidão Oculta*. (E. Lisovsky. trad.). Rio de Janeiro, R.J.: Rocco (Original publicado em 1991).
- Klein, M. (1975). *O Sentimento de Solidão*. Nosso Mundo Adulto e Outros Ensaios. (P. D. Corrêa. trad.) 2 ed. Rio de Janeiro, R.J.: Imago (Original publicado em 1963).

- Klein, M.; Heimann, P. & Money-Kyrle, R.E. (Ed.) (1980). *Novas Tendências na Psicanálise* (A. Cabral. trad.). 2 ed. Rio de Janeiro, R.J.: Guanabara Koogan (Original publicado em 1955).
- Klein, T.M. (1998). Adolescent Pregnancy and Loneliness. *Public Health Nursing*. 15(5). 338-347.
- Lemay, L. (1996). *Aprenda em 1 semana a criar Homepages na wwwcomhtml*. (ARX Publicações. trad.). Rio de Janeiro, R.J.: Campus (Original publicado em 1995).
- Magalhães, M. N. (2000). *Noções de Probabilidade e Estatística*. São Paulo, S.P. IME - USP.
- Maiorino, F. T. (2000). Qualidade de vida na era da Internet. *Psi - Jornal de Psicologia - crp sp*. 18 (123).17.
- Mattioli, O. C. (1998). A Infância através dos Tempos: Do “Bichinho de Estimação” Ao Ser Cidadão. *Mudanças - Psicoterapia e Estudos Psicanalíticos*. v.6, n. 10, 151-172.
- Naisbitt, J. (1989). *Megatendências* (J.E. Mendonça. trad.) São Paulo, S.P.: Abril - Círculo do Livro (Original publicado em 1982).
- Nicolaci - Costa, A.M. (1998). *Na Malha da Rede - Os impactos íntimos da Internet*. Rio de Janeiro, R.J.: Campus.
- Ogden, T. (1996). *Os Sujeitos da Psicanálise*. (C. Berliner. trad.). São Paulo, S.P.: Casa do Psicólogo (Original publicado em 1994).
- Outeiral, J. O. & Abadi, S. (Ed.) (1997). *Donald Winnicott na América Latina*. (Carmen Debenetti, trad.). Rio de Janeiro, R. J.: Revinter.

- Outeiral, J. O. & Gaña, R.B. (Ed.) (1991). Donald W. Winnicott – Estudos. Porto Alegre, R.S.: Artes Médicas.
- Outeiral, J. O. (1993). *O Adolescente Borderline* (C. Müller. trad.). Porto Alegre, R.S.: Artes Médicas (Original publicado em 1993).
- Outeiral, J. O. (Ed.) (1982). *Infância e Adolescência - psicologia do desenvolvimento, psicopatologia e tratamento*. Porto Alegre, R.S.: Artes Médicas.
- Petot, J. M. (1988). *Melanie Klein II. O Ego e o Bom Objeto* (B. P. Haber, et al, M. K. Bilenky, M.L. Wahrhaftz e N. M. Kon. trad.). São Paulo, S.P.: Perspectiva (Original publicado em 1932)
- Pierson, D. (1973). *Teoria e Pesquisa em Sociologia*. 15 ed. São Paulo, S.P.: Melhoramentos (Original publicado em 1945).
- Pinheiro, A. A. A. & Tamayo, A. (1987). Urbanização, Sexo e Solidão: Uma abordagem empírica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 3 (1). 52 - 63.
- Porto, S.D. (Ed.) (1999). *Sexo, afeto e era tecnológica - um estudo de chats na internet*. Brasília, D.F.: UNB.
- Pusquellec, M. (2000). Les mondes virtuels menacentils la sentimentale des enfants et des adolescents? *Arch Pediatr*, 7 (2), 209-210.
- Quinodoz, J. M. (1993). *A Solidão Domesticada*. A angústia de separação em psicanálise (F. F. Settinaí, trad.). Porto Alegre, R.S.: Artes Médicas (Original publicado em 1991).
- Rezende, A. M. (1998). A relação sujeito objeto no contexto do sétimo elemento da psicanálise: Narcisismo socialismo. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 32(4). 781-794.

- Rosa, J. T. (1997). Interpretações como Construção de uma Ponte para Integração de Partes Perdidas e Fragmentadas do Self e de Objetos Internos. In I.F.M. Catafesta I.F.M. (Org). *A clínica e a pesquisa no final do século: Winnicott e a universidade. Comemoração do centenário de nascimento de D.W. Winnicott na Universidade de São Paulo* (pp. 139 - 143). São Paulo, S.P.: Instituto de Psicologia da USP.
- Rosa, J.T. (1999). Sinopse da Jornada e continuação do diálogo com Winnicott, Lacan e Klein sobre a criança e o adolescente - I: Catafesta, I.F.M. (Ed.). *Um Dia na Universidade dialogando com Winnicott, Klein e Lacan sobre a criança e o adolescente*. São Bernardo do Campo, S.P.: UMESP-USP- Curso de Pós-graduação em Psicologia da Saúde.
- Sayeg, E. (2000). Em debate, a psicologia em espaço virtual. *Psi – Jornal de Psicologia* - crp sp. 18(120).17.
- Seewald, F. & Halperin, C. K. (1995). O tema da solidão: Klein e Winnicott revisitados. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*. 17 (1). 29-37.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. (J. C. Guimarães. trad.). Rio de Janeiro, R.J.: Imago (Original publicado em 1973).
- Segal, H. (1983). *A Obra de Hanna Segal. Uma abordagem Kleiniana à Prática Clínica*. (E. Nick. trad.). Rio de Janeiro, R.J.: Imago (Original publicado em 1981).
- Segal, H. (1993). *Sonho, Fantasia e Arte*. (B. H. Mandelbaum. trad.). Rio de Janeiro, R.J.: Imago (Original publicado em 1991).
- Severino, A. J. (2000). *Metodologia do Trabalho Científico* 24 ed. São Paulo, S.P.: Cortez. (Original publicado em 1985).
- Siegel, S. (1975). *Estatística não-paramétrica*. (A. A. Farias. trad.). São Paulo, S.P.: Mc Graw - Hill (Original publicado em 1956).

- Silva, J. P. (1996). *A Dinâmica da Solidão*. Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de S. Paulo. São Bernardo do Campo, S.P..
- Spillius, E. B. (1990). *Melanie Klein Hoje*. Desenvolvimento da Teoria e da Técnica – vol. 2. (B. P. Haber. trad.). Rio de Janeiro, R.J.: Imago (Original publicado em 1988).
- Toffler, A. (1980). *A Terceira Onda* (J. Távora. trad.) 14 ed. Rio de Janeiro, R.J.: Record.
- Trindade, A.L.P. (1999). *Métricas para Orçamento e Planejamento da Produção de Software*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, S.P..
- Vidille, W. (1999). Sinais de Modernidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 33 (1). 777-786.
- Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar & a Realidade*. (O.A. Abreu; V. Nobre. trad.). Rio de Janeiro, R.J.: Imago (Original publicado em 1971).
- Winnicott, D. W. (1979). *A Criança e o Seu Mundo*. 5 ed. Rio de Janeiro, R.J.: Zahar (Original publicado em 1972).
- Winnicott, D. W. (1982). *O ambiente e os processos de maturação* – Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. (I. C. S. Ortiz. trad.). Porto Alegre, R.S.: Artes Médicas (trabalho original publicado em 1979).
- Winnicott, D. W. (1987). *Privação e Delinqüência*. (A. Cabral. trad.) São Paulo, S.P.: Martins Fontes (Original publicado em 1984).
- Youssef, A.N. & Fernandez, V.P. (1988). *Informática e Sociedade*. 2 ed. São Paulo, S.P.: Ática.

VIII - Glossário

Assistente de Função: recurso do Excel onde as funções estão agrupadas em categorias, facilitando qualquer tipo de cálculo;

Assistente de Tabela Dinâmica: recurso do Excel que possibilita a criação de uma tabela ou gráfico interativo que resumem os dados para ser analisados de várias formas;

Banco de Dados: uma coleção de informações organizadas, administrada pelo computador;

Bdcontara: conta células não vazias no campo (coluna) de registros do banco de dados que atendam às condições especificadas;

Cadê, Altavista: sites de busca, pesquisa na internet;

Chats: (bate-papo em inglês) parecido com uma conversa eletrônica;

Clicar: apertar o botão do mouse após colocar o cursor no ponto desejado;

Conectar: ter acesso a, contato com (alguém, determinadas informações, serviços, etc.) através de dispositivos computacionais postos em comunicação entre si;

Contvalores: calcula o número de células que não estão vazias e os valores existentes na lista de argumentos;

E-mail: endereço de correio eletrônico;

Espaço Cibernético: termo criado pelo escritor William Gibson e inspirado no estado de transe em que ficam os aficionados de videogame durante uma partida. A palavra foi utilizada pela primeira vez no livro "Neuromancer", desde 1984, e adotada desde então pelos usuários da Internet como sinônimo de rede;

Excel: planilha eletrônica, onde os dados são colocados em forma de tabela;

Front Page: editor de páginas da Web que dá completo acesso ao poder do HTML. Ele apresenta uma interface simples, possui barras de ferramentas com botões que dão fácil acesso aos recursos para criação dos itens de uma página. Tal software nos permitiu criar, visualizar a estrutura hierárquica do Site, inserir links automaticamente e salvar o documento em HTML;

Hardware: componentes físicos de um computador (winchester, processador, placas, etc.);

Hiperlinks: recurso fornecido pelo HTML, permite que, ao se clicar sobre uma palavra específica, possamos saltar para outra página dentro de determinado site;

Hipertextos: documento capaz de incluir em seu conteúdo ligações com outras partes do mesmo documento ou documentos diferentes;

Home page: uma Home Page é uma página base do WWW de uma instituição ou particular. A página base é uma espécie de ponto de partida para a procura de informação relativa a essa pessoa ou instituição;

HTML: Hypertext Markup Language, linguagem de marcação de hipertexto: é usada para criar as páginas divulgadas World Wide Web;

ICQ: (“I seek you”) é um programa de internet que notifica o usuário que seus amigos estão on-line, e permite iniciar contato com eles, pode-se conversar, enviar mensagens e arquivos, etc.;

Interface: em um sistema computacional, conjunto de elementos de hardware e software destinados a possibilitar a interação com o usuário;

Internet Explorer: programa pelo qual pode-se acessar a Internet;

Internet: maior rede mundial para comunicação entre usuários de computadores;

IRC: (Internet Relational Chat) é um tipo de bate-papo na Internet;

ISDN: (Integrated Services Digital Network) Rede Digital de Serviços Integrados:
um tipo de linha telefônica especial, projetada para ser capaz de transmitir voz e dados digitais em alta velocidade;

Layout: a forma como os textos, as imagens e os títulos são dispostos visualmente em uma página;

Links: palavras, expressões ou imagens que servem como ligação direta para outra página ou parte da própria página;

Malha de Computadores: são vários computadores interligados em forma de rede;

Média: retorna a média aritmética dos argumentos;

Navegar: deslocar-se de página a página em busca de informações;

Offline: desconectado;

Online: em linha ou conectado;

Provedor: computador ligado diretamente à Internet ;

Realidade Virtual: tecnologia criada para integrar o usuário com um ambiente produzido artificialmente, através de um capacete especial com uma mini-tela, o usuário vê um cenário que se modifica em funções de seus movimentos e ações;

Rede: vários computadores interconectados, compartilhando equipamento e informações;

Se: retorna um valor se a condição especificada for avaliada como verdadeira, e retorna um outro valor caso seja avaliada como falso;

Sites: um endereço dentro da Internet que permite acessar os arquivos e documentos mantidos no computador de uma determinada empresa, pessoa, instituição;

Softwares: são programas lógicos que funcionam em determinado tipo de computador (*logiciel, em francês*);

Soma: retorna a soma de todos os números na lista de argumentos;

Spam: mensagem enviada de modo contínuo e ininterrupto, sem solicitação ou anuência do destinatário;

URL: nome do endereço da página;

Virtuais: ilusório, que existe como faculdade, porém sem efeito atual;

W W W: (World Wide Web): ampla rede mundial;

Web: rede;

IX - Lista de Anexos

Solidão na Internet

Esta pesquisa está sendo elaborada em função do desenvolvimento de um trabalho de dissertação e enfoca principalmente o estudo do Sentimento de Solidão nos Usuários de Internet.

Todos os dados coletados serão utilizados apenas pelo pesquisador, em caráter de absoluto sigilo. Não havendo a possibilidade de ser revelada a identificação do Internauta.

O objetivo desta pesquisa é coletar dados sobre o Sentimento de Solidão nos Usuários de Internet.

Ela está dividida em seções da seguinte forma:

- [Dados Pessoais e Sócio-Econômicos](#)
- [Questionário de Valores Psicossociais](#)
- [Questionário de Sentimento de Solidão](#)
- [Autorização](#)
- [Envio do formulário](#)

Forneça os dados solicitados em cada seção e depois envie o formulário. Você receberá uma mensagem de confirmação pouco tempo depois.

SEÇÃO A -- Dados Pessoais e Sócio-Econômicos

Esta seção apresenta dois tipos de questões. Primeiramente preencha as campos referentes aos seus dados pessoais. É de grande importância o preenchimento de todos os campos, porém o primeiro deles, Nome, pode conter apenas as suas iniciais.

Nome:

Data de nascimento:

Sexo: Masculino Feminino

Profissão:

Idade: anos

Grau de instrução:

Estado civil:

Tem filhos? Sim Não

Quantos:

É aluno da Fatec? .. Sim Não

A partir daqui, os dados se referem a quesitos sócio-econômicos, assim as informações serão utilizadas seguindo um critério classificatório.

Grau de instrução do chefe da família:

Informe o número de itens possuídos abaixo:

- Carros: Nenhum Um Dois Três Quatro ou mais
- TV's a cores: Nenhum Um Dois Três Quatro ou mais
- Rádios: Nenhum Um Dois Três Quatro ou mais
- Aparelhos de videocassete: Nenhum Um Dois Três Quatro ou mais
- Aspirador de pó: Nenhum Um Dois Três Quatro ou mais
- Máquina de lavar roupa: Nenhum Um Dois Três Quatro ou mais
- Geladeira: Nenhum Um Dois Três Quatro ou mais
- Banheiros existentes na casa: Nenhum Um Dois Três Quatro ou mais
- Empregadas mensalistas: Nenhum Um Dois Três Quatro ou mais

[Voltar ao início](#)

SEÇÃO B -- Questionário de Valores Psicossociais

Responda Verdadeiro ou Falso para as questões abaixo:

1. Tenho estado tenso(a) ou irritado(a) ultimamente.
 Verdadeiro Falso
2. Sempre fui bem tratado(a) por meus pais
 Verdadeiro Falso
3. Sinto-me inseguro(a) quanto às responsabilidades do meu trabalho (ou estudo).
 Verdadeiro Falso
4. Adio minhas decisões mais do que costumava.
 Verdadeiro Falso
5. Sinto-me pouco aceito(a) pelas pessoas com quem trabalho (ou estudo).
 Verdadeiro Falso
6. Meus amigos sempre respeitam o que falo.
 Verdadeiro Falso
7. Fico mal humorado(a), impaciente com pequenos aborrecimentos.
 Verdadeiro Falso
8. Já fui punido(a) mais severamente por meus pais na minha infância.
 Verdadeiro Falso
9. Sinto-me infeliz quando tenho muitas ocupações.
 Verdadeiro Falso

10. *Sinto uma insatisfação como se alguma coisa estivesse errada ou faltando.*
- Verdadeiro Falso
11. *Eu aprecio o respeito dos outros mas não preciso dele.*
- Verdadeiro Falso
12. *Detesto fracassar em qualquer coisa.*
- Verdadeiro Falso
13. *Quando criança tinha muitos medos.*
- Verdadeiro Falso
14. *Sinto pouco entusiasmo para realizar meu trabalho (ou estudo).*
- Verdadeiro Falso
15. *Fico cansado(a) com mais facilidade do que costumava ficar.*
- Verdadeiro Falso
16. *Pareço triste ou infeliz a maior parte do tempo.*
- Verdadeiro Falso
17. *Tive dificuldade na minha vida familiar quando criança.*
- Verdadeiro Falso
18. *Nas decisões importantes tento consultar uma pessoa mais experiente.*
- Verdadeiro Falso
19. *Acho difícil ir contra aquilo que os outros pensam.*
- Verdadeiro Falso
20. *Evito enfrentar meus problemas.*
- Verdadeiro Falso
21. *Já tive maiores problemas com meus superiores (ou professores).*
- Verdadeiro Falso
22. *Freqüentemente preocupo-me em saber o quanto as pessoas me aprovam e me aceitam.*
- Verdadeiro Falso
23. *Sinto-me incapaz de influenciar decisões que me afetam.*
- Verdadeiro Falso
24. *Preocupo-me por estar parecendo feio(a) ou sem atrativos.*
- Verdadeiro Falso
25. *Acho que fracassei mais que uma pessoa comum.*
- Verdadeiro Falso
26. *É difícil melhorar meu estado de ânimo.*
- Verdadeiro Falso
27. *Sou crítico(a) em relação a mim devido a minhas fraquezas ou meus erros.*
- Verdadeiro Falso
28. *Preocupo-me bastante com o que as pessoas sentem a meu respeito.*
- Verdadeiro Falso
29. *Para mim é muito importante ser bem sucedido(a) em tudo o que faço.*

- Verdadeiro Falso
30. Meus pais discutiam muito quando eu era criança.
- Verdadeiro Falso
31. Recebia pouco carinho na minha infância.
- Verdadeiro Falso
32. Vejo pouco significado em meu trabalho (ou estudo).
- Verdadeiro Falso
33. Estou pessimista sobre as oportunidades de progresso ou crescimento.
- Verdadeiro Falso
34. Evito fazer coisas que não faço bem.
- Verdadeiro Falso
35. Sempre preferi ter um(a) amigo(a) mais íntimo(a) a ter vários amigos ao mesmo tempo.
- Verdadeiro Falso
36. Fico facilmente entediado(a).
- Verdadeiro Falso

[Voltar ao início](#)

SEÇÃO C -- Questionário de Sentimento de Solidão

Responda as seguintes questões:

Quantas horas você fica navegando na Internet, em geral:

No dia de ontem horas

Na última semana horas

No mês passado horas

Quantas horas você fica navegando na Internet, a trabalho:

No dia de ontem horas

Na última semana horas

No mês passado horas

Quantas horas você fica navegando na Internet, por lazer:

No dia de ontem horas

Na última semana horas

No mês passado horas

Quantas horas por dia você consegue ficar navegando na Internet sem se aborrecer?

horas

Como você se sente quando está navegando na Internet por um longo tempo?

Mal Bem Muito bem Ótimo

Responda sim/verdadeira ou não/falsa nas questões/afirmações abaixo:

1. O sentimento de solidão NÃO tem a ver com a privação de companhia externa.

Sim/Verdadeira Não/Falsa

2. O sentimento de solidão refere-se ao sentimento de estar só, independente de circunstâncias externas.

Sim/Verdadeira Não/Falsa

3. NÃO se sente solitário mesmo quando está entre amigos ou recebendo amor.

Sim/Verdadeira Não/Falsa

4. O estado de solidão interna resulta do anseio de um estado interno perfeito, inatingível.

Sim/Verdadeira Não/Falsa

5. A solidão NÃO brota da ansiedade.

Sim/Verdadeira Não/Falsa

6. Novas emoções, fantasias e ansiedades NÃO são possíveis e isto perdura como fator importante na solidão.

Sim/Verdadeira Não/Falsa

7. A solidão pode originar-se da convicção de que NÃO há pessoa ou grupo a que se pertença.

Sim/Verdadeira Não/Falsa

8. NÃO há diferenças individuais na maneira pela qual se experimenta a solidão.

Sim/Verdadeira Não/Falsa

9. A sensação de estar rodeado de um mundo hostil, aumenta a ansiedade e influencia o sentimento de solidão.

Sim/Verdadeira Não/Falsa

10. A confusão mental NÃO contribui para a solidão.

Sim/Verdadeira Não/Falsa

11. Ansiar ser capaz de estabelecer relações com as pessoas e não conseguir, influencia a solidão.

- Sim/Verdadeira Não/Falsa
12. *O temor da morte NÃO constitui parte da solidão.*
- Sim/Verdadeira Não/Falsa
13. *Se sente solitário desde criança.*
- Sim/Verdadeira Não/Falsa
14. *O sofrimento NÃO contribui para a solidão.*
- Sim/Verdadeira Não/Falsa
15. *O sentimento de solidão NUNCA desaparece inteiramente.*
- Sim/Verdadeira Não/Falsa
16. *NÃO consegue superar seu sentimento de solidão.*
- Sim/Verdadeira Não/Falsa
17. *Com relação ao lar e à mãe, NÃO se sente solitário.*
- Sim/Verdadeira Não/Falsa
18. *Sente-se dependente de alguém como um modelo de dependência contra a solidão.*
- Sim/Verdadeira Não/Falsa
19. *A valorização dos outros e do êxito NÃO pode ser utilizada como defesa da solidão.*
- Sim/Verdadeira Não/Falsa
20. *NEGA o sentimento de solidão.*
- Sim/Verdadeira Não/Falsa
21. *Influências internas e externas contribuem para o aparecimento de solidão.*
- Sim/Verdadeira Não/Falsa
22. *A interação revela um aumento ou diminuição da solidão*
- Sim/Verdadeira Não/Falsa
23. *As influências externas NÃO diminuem a solidão.*
- Sim/Verdadeira Não/Falsa
24. *O sentimento de solidão pode desaparecer no ser humano.*

Sim/Verdadeira Não/Falsa

25. *NÃO se sente só, independente de condições internas.*

Sim/Verdadeira Não/Falsa

26. *A solidão faz parte de uma doença ou de transtorno de personalidade.*

Sim/Verdadeira Não/Falsa

27. *A solidão NÃO tem influência na infância.*

Sim/Verdadeira Não/Falsa

28. *O sentimento de solidão NÃO se origina da sensação de uma perda irreparável.*

Sim/Verdadeira Não/Falsa

29. *A insegurança é uma das raízes da solidão.*

Sim/Verdadeira Não/Falsa

30. *A ansiedade é um elemento de solidão.*

Sim/Verdadeira Não/Falsa

31. *A dificuldade de integração NÃO o faz sentir-se solitário.*

Sim/Verdadeira Não/Falsa

32. *NÃO pertencer a um grupo significa estar só.*

Sim/Verdadeira Não/Falsa

33. *Há diferenças individuais consideráveis na maneira pela qual se experimenta solidão.*

Sim/Verdadeira Não/Falsa

34. *A sensação de estar rodeado por um mundo hostil NÃO aumenta seus sentimentos de solidão.*

Sim/Verdadeira Não/Falsa

35. *Sentimentos de infelicidade e culpa NÃO conduzem a solidão.*

Sim/Verdadeira Não/Falsa

36. *Aumentar a capacidade para relacionamentos ajuda a combater a sensação de solidão.*

Sim/Verdadeira Não/Falsa

37. *A sensação de liberdade é um meio de contrabalançar a solidão.*

Sim/Verdadeira *Não/Falsa*

38. *O sentimento de culpa NÃO faz sentir solidão.*

Sim/Verdadeira *Não/Falsa*

39. *Impulsos distintos como agressão e ódio NÃO constituem aumento de solidão.*

Sim/Verdadeira *Não/Falsa*

40. *Aceitar as próprias limitações NÃO diminui a solidão.*

Sim/Verdadeira *Não/Falsa*

41. *O alívio do ressentimento pelas frustrações passadas diminui a solidão.*

Sim/Verdadeira *Não/Falsa*

42. *Conseguir aceitar e dar, contrabalançam a solidão.*

Sim/Verdadeira *Não/Falsa*

43. *O sentimento de generosidade contrabalança o de solidão.*

Sim/Verdadeira *Não/Falsa*

44. *O sentimento de solidão NÃO pode ser utilizado como defesa.*

Sim/Verdadeira *Não/Falsa*

45. *A necessidade de proximidade com pessoas amadas faz contrabalançar a solidão.*

Sim/Verdadeira *Não/Falsa*

46. *A negação da solidão interfere nas relações.*

Sim/Verdadeira *Não/Falsa*

47. *Sente-se solitário mesmo quando está entre amigos.*

Sim/Verdadeira *Não/Falsa*

48. *Sente-se solitário mesmo quando sabe que é amado pelas pessoas.*

Sim/Verdadeira *Não/Falsa*

49. *Entre seu quarto e um passeio na sua cidade em uma tarde ensolarada de domingo, escolheria seu quarto.*

Sim/Verdadeira *Não/Falsa*

50. *Você acredita que uma pessoa possa ficar viciada/dependente do computador, como se fosse uma substância indutora de dependência.*

Sim/Verdadeira *Não/Falsa*

51. *Uma pessoa pode usar o computador para superar a solidão imposta pelo clima da guerra civil urbana nas grandes cidades.*

Sim/Verdadeira *Não/Falsa*

52. *O uso do computador facilita a vida social moderna: relacionar com pessoas confiáveis, fazer novos amigos, escolher candidatos para namoro/rolo/ficar/amizade colorida/casar/selecionar companheiro(a) de forma criteriosa.*

Sim/Verdadeira *Não/Falsa*

[Voltar ao início](#)

SEÇÃO D -- Autorização

Autorizo o uso das informações acima, para o desenvolvimento de pesquisa sobre a Solidão nos Usuários de Internet:

Sim, autorizo o uso

Não, não autorizo o uso

[Voltar ao início](#)

ENVIO DO FORMULÁRIO

Obrigado por contribuir com nossa pesquisa.

Enviar formulário

Limpar campos

[Voltar ao início](#)

Todos os direitos reservados.

Última atualização: 

da escala –

Critério ABIPEME

(ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS INSTITUTOS DE PESQUISA DE MERCADO)

BENS	nenhum	1	2	3	4 ou mais
<i>Carros</i>	0	4	9	13	18
<i>TV a cores</i>	0	4	7	11	14
<i>Banheiros</i>	0	2	5	7	10
<i>Empregadas</i>	0	5	11	16	21
<i>Rádios</i>	0	2	3	5	6
<i>Máquinas de lavar roupas</i>	0	8	8	8	8
<i>Aparelho de videocassete</i>	0	10	10	10	10
<i>Aspirador de pó</i>	0	6	6	6	6
<i>Geladeira simples</i>	0	7	7	7	7

<i>Grau de Instrução do chefe da família</i>	<i>Pontos</i>
<i>Analfabeto/primário incompleto</i>	0
<i>Primário Completo</i>	5
<i>Ginasial (completo/Incompleto)</i>	10
<i>Colegial (completo/Incompleto)</i>	15
<i>Superior (completo/Incompleto)</i>	21

<i>Pontos de corte que definem as classes</i>	<i>Pontos</i>
<i>Classe A</i>	89+
<i>Classe B</i>	59 – 88
<i>Classe C</i>	35 – 58
<i>Classe D</i>	20 – 34
<i>Classe E</i>	0 – 19